



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV MONTEIRO- POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS- CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VALÉRIA MILLENE VIANA CÂNDIDO DA SILVA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS OBRAS “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS E “PONCIÁ VICÊNCIO” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

**MONTEIRO
2025**

VALÉRIA MILLENE VIANA CÂNDIDO DA SILVA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS OBRAS “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS E “PONCIÁ VICÊNCIO” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Letras (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras- Português.

Área de concentração: Literatura Comparada e estudos interdisciplinares de Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias

**MONTEIRO
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Valéria Millene Viana Cândido da.

A construção da identidade da mulher negra na literatura [manuscrito] : Um estudo comparativo das obras "Quarto de despejo: diário de uma favelada" da autora Carolina Maria de Jesus e "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo / Valéria Millene Viana Cândido da Silva. - 2025.
66 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Melânia Nobrega Pereira de Farias, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Identidade negra. 2. Escrevivência. 3. Carolina Maria de Jesus. 4. Conceição Evaristo. 5. Literatura comparada. I. Título

21. ed. CDD 809

VALERIA MILLENE VIANA CANDIDO DA SILVA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA: UM ESTUDO CÔMPARATIVO DAS OBRAS 'QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA' DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS E 'PONCIÁ VICÊNCIO' DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras

Aprovada em: 03/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rosana de Medeiros Silva** (***.561.904-**), em **12/06/2025 12:29:53** com chave **167b9a3447a211f0b3221a7cc27eb1f9**.
- **Wanderlan da Silva Alves** (***.876.541-**), em **12/06/2025 11:42:28** com chave **767c2108479b11f0a93b06adb0a3afce**.
- **Melânia Nobrega Pereira de Farias** (***.730.394-**), em **12/06/2025 11:39:29** com chave **0bb84de2479b11f0999a06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 12/06/2025

Código de Autenticação: c846bf



Aos meus pais por todo amor,
compreensão e incentivo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Francisco, que desde cedo me fez acreditar que a educação seria o melhor caminho para colher os melhores frutos da vida.

À minha mãe, Francilene, cuja resistência sempre me acolheu e cujo olhar generoso nunca deixou de reconhecer meu potencial.

À minha orientadora Melânia por toda parceria, escuta atenta, compreensão e principalmente por abrir meu caminho nas pesquisas sociais.

À toda minha família que sempre acreditou nos meus sonhos e compreendeu minhas ausências nos momentos familiares.

As mulheres negras que vieram antes de mim e que escreveram suas histórias e assim nos abriram caminhos.

Aos meus amigos de vida e colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

E, por fim, agradeço a mim mesma: por não desistir mesmo em anos tão turbulentos e por acima de tudo perceber que a escrita é lugar de cura, denúncia e emporadamento negro/quilombola.

“Minha escrita é contaminada pela
condição de mulher negra.”
(Conceição Evaristo).

RESUMO

O processo de construção da identidade das pessoas negras no Brasil perpassou por inúmeras dificuldades e principalmente pelo preconceito e pelo racismo. Através de uma análise comparativa das obras literárias Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960) e Ponciá Vicêncio (2003), pretendemos analisar a representação do lugar social da mulher negra nas obras Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. Além disso, especificamente objetivamos: 1) contextualizar a presença da mulher negra na literatura brasileira do ponto de vista histórico e mais especificamente os fatores sociais na escrita de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo; 2) identificar a presença da mulher negra nas obras supracitadas; e 3) comparar os marcadores literários e sociais presentes nas obras sob análise que comprovam o lugar social da mulher negra. Estes objetivos levam em consideração o entendimento de que Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo descrevem suas realidades por meio da escrevivência de todo um povo ancestral, mostrando a condição reservada às mulheres negras no país. A pesquisa, assim, precisou recorrer às Ciências Sociais para melhor embasamento sócio-histórico do tratamento dado aos negros na sociedade brasileira, assim dialogando com a própria literatura que as autoras produziram. Vale destacar que para alcançar os objetivos propostos foi necessário também uma metodologia eficaz que englobasse todos os níveis literários e sociais. Por isso, utilizamos da pesquisa bibliográfica conforme Gil (2008), descritiva, a partir de Selltitz, Wrightsman e Cook (1965), e qualitativa de acordo com Trivinos (1987). Os resultados apontam que essas obras ultrapassam os limites do testemunho e da ficção ao afirmarem novas formas de existência e de presença feminina negra no espaço literário brasileiro, contribuindo para a valorização da memória e das experiências plurais das mulheres negras. Desse modo, esta pesquisa pretende contribuir no sentido da consolidação de uma consciência da repercussão da literatura produzida pelas mulheres negras no sistema literário brasileiro e, por consequência, na sociedade brasileira, pois isso ajuda a dar forma à identidade negra de um povo que historicamente foi marginalizado.

Palavras-Chave: Identidade Negra; Escrevivência; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.

ABSTRACT

The process of building the identity of Black people in Brazil has faced numerous difficulties, primarily due to prejudice and racism. Through a comparative analysis of the literary works *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) and *Ponciá Vicêncio* (2003), we aim to analyze the representation of the social position of Black women in these works—*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* by Carolina Maria de Jesus and *Ponciá Vicêncio* by Conceição Evaristo. Additionally, our specific objectives are: 1) to contextualize the presence of Black women in Brazilian literature from a historical perspective, focusing on the social factors influencing the writings of Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo; 2) to identify the presence of Black women in the aforementioned works; and 3) to compare the literary and social markers present in these works that demonstrate the social position of Black women. These objectives consider the understanding that Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo depict their realities through their "escrevivência" (a blend of writing and lived experience) of an entire ancestral people, illustrating the conditions reserved for Black women in the country. The research also required consulting Social Sciences to better understand the socio-historical context of the treatment of Black people in Brazilian society, thus engaging in a dialogue with the literature produced by these authors. To achieve the proposed objectives, an effective methodology was necessary, encompassing all literary and social levels. Therefore, we employed bibliographic research according to Gil (2008), a descriptive approach based on Selltiz, Wrightsman, and Cook (1965), and a qualitative method following Trivinos (1987). The results indicate that these works go beyond mere testimony and fiction, affirming new forms of existence and presence of Black women in Brazilian literature, contributing to the valorization of the memory and diverse experiences of Black women. In this way, this research aims to contribute to the consolidation of awareness regarding the impact of literature produced by Black women within the Brazilian literary system and, consequently, in Brazilian society, as it helps shape the Black identity of a people who have historically been marginalized.

Keywords: Black Identity; Escrevivência; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ESCRIVÊNCIAS E RESISTÊNCIA: VIDA E OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.....	15
2.1 CAROLINA MARIA DE JESUS: VIDA E LITERATURA EM DIÁLOGO.....	15
2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E LITERATURA EM DIÁLOGO.....	18
2.3 OBRAS E TEMÁTICAS.....	20
2.4 PRESENÇA NO CÂNONE LITERÁRIO.....	25
3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: SER NEGRA E SER MULHER.....	32
3.1. AS TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX E COMO ELAS SE FAZEM PRESENTES NOS DIAS DE HOJE NO IMAGINÁRIO SOCIAL.....	32
3.2. O CONCEITO DE IDENTIDADE.....	35
3.3. IDENTIDADE NEGRA.....	37
3.4. IDENTIDADE DA MULHER NEGRA.....	39
4. ESCREVER PARA EXISTIR: O LUGAR DA MULHER NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO E PONCIÁ VICÊNCIO.....	43
4.1 “A VOZ DA EXPERIÊNCIA”: ESCRITA LITERÁRIA COMO EXPRESSÃO DAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS.....	43
4.2. LUGARES DE MORADIA: A FAVELA E O SÍTIO/PERIFERIA URBANA.....	45
4.3. HERANÇA E MATERNIDADE: A CONTINUIDADE DA DOR E DA LUTA...	48
4.4. A IDENTIDADE NEGRA COMO RESISTÊNCIA.....	51
4.5. CASAMENTO, OPRESSÃO E SONHOS.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
6. REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, evidencia-se reflexões críticas acerca das problemáticas das desigualdades sociais e isso é possível de ser visualizado através das análises de obras literárias, principalmente as de autoria negra. É notório um crescente interesse e debates sobre as causas dos povos negros, que foram historicamente desfavorecidos e tiveram seus direitos violados e negados por causa da cor.

Portanto, ao tratar da representação literária, em especial, da mulher negra na literatura brasileira, é preciso voltar-se ao levantamento de dados dessas possíveis retratos para que se possa compreender a defasagem até determinado contexto social e também as marcas que ficaram na vida das mulheres, hodiernamente consideradas como escritoras.

Nesse sentido, as vivências e os valores culturais das pessoas negras têm chegado ao debate em nível acadêmico, tratando assim do reconhecimento e respeito à diversidade racial, e diretamente no caso brasileiro, de observar o negro enquanto cidadão brasileiro. A pressão social imposta atualmente sobre o resgate da cultura negra, as lutas por uma educação de qualidade que valorize a identidade racial brasileira e a busca incessável, principalmente das mulheres, por espaços de poder nos diversos âmbitos sociais, tornam pautas nos debates político-culturais e necessariamente devem surgir no meio acadêmico.

Entretanto, ainda sabe-se muito pouco sobre a escrita das mulheres negras: como suas vivências tornaram-se argumentos para as representações das obras e também das personagens femininas, que por muitas vezes são narradas em primeira pessoa demonstrando suas vivências pessoais.

É justamente neste sentido que o objeto desta pesquisa é analisar, do ponto de vista social, como se dá a representação da mulher negra através das obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* da autora Carolina Maria de Jesus e da obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo. Motta (1996) aborda a escassez de dados empíricos sobre a inserção e participação do negro na sociedade brasileira. Com isso, a pesquisa aqui proposta torna-se relevante, uma vez que pretende abordar a construção da identidade da mulher negra a partir da leitura e da intertextualidade das obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Ambas ricas nas representações literárias e das situações precárias que vivenciaram nos meios

sociais que conviviam e ainda com diversos fatores em comum, entre eles: a falta de representação social da mulher negra na sociedade e na literatura brasileira.

Dentro das perspectivas em torno da temática, estabelecemos algumas questões que irão nortear a pesquisa: I. Qual o lugar da mulher negra na literatura brasileira? , II. Como está descrita a mulher negra nas obras sob análise? , III. Quais elementos literários das obras comprovam o lugar social imposto à mulher negra? . Ao qual, buscaremos de forma minuciosa responder ao longo da pesquisa. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos a serem alcançados:

OBJETIVO GERAL:

Analisar a representação do lugar social da mulher negra nas obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Contextualizar a presença da mulher negra na literatura brasileira do ponto de vista histórico mais especificamente dos fatores sociais na escrita de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo;
- b) Identificar a presença da mulher negra nas obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e *Ponciá Vicêncio*, das autoras supracitadas;
- c) Comparar os marcadores literários e sociais presentes nas obras sob análise que comprovam o lugar social da mulher negra.

Partindo dessa perspectiva, percebe-se uma lacuna nos estudos acerca da representatividade da mulher negra, especificamente nas obras das autoras supracitadas. O estudo aqui em questão, ao refletir como o peso de ser uma mulher negra na sociedade brasileira influenciou as narrativas das autoras, pode, então, contribuir para os estudantes e pesquisadores pensarem o modo como essas autoras, inicialmente silenciadas, conseguiram ascensão no cânone literário brasileiro.

Cumpra ainda salientar que esta pesquisa é, na verdade, desdobramento de pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cota 2022-2023, no qual fui bolsista do projeto intitulado “Resistência, Denúncia e Testemunho: a identidade negra através da “língua de fogo” e da escrita de Carolina Maria de Jesus”, onde atuou como coordenadora do referido projeto e minha orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

Dessa forma, é possível afirmar que os projetos de pesquisa universitários de iniciação científica fortalecem a maturidade e os vínculos do pesquisador, já que a continuidade dos objetos de pesquisa demonstra que as experiências anteriores agregaram positivamente no repertório acadêmico. Além disso, a temática também foi escolhida pelo fato da pesquisadora em questão ser mulher negra e quilombola, na medida em que como aponta Felisberto (2020, p.170-171, apud. Duarte e Nunes, 2020) “[...] existe a aproximação do fazer acadêmico com uma realidade vivida em suas práticas cotidianas, dando um sentimento de aproveitamento e utilização, que, de certa maneira, tem diminuído a distância entre os diferentes saberes produzidos dentro e fora da universidade”. A aproximação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa facilita a representação e abordagem do tema, já que cotidianamente os saberes e vivências são plurais.

Enquanto mulher negra quilombola e atuante em espaços de liderança, compreendo que a literatura não apenas narra histórias, mas também reafirma ou questiona lugares sociais historicamente atribuídos a corpos como o meu. Ao longo da minha trajetória universitária, participei e desenvolvi outros projetos voltados à valorização da identidade negra, à preservação da memória quilombola e à promoção da equidade racial, nos quais pude refletir sobre a importância da representação simbólica e social da mulher negra. Tais experiências fortaleceram meu interesse em analisar criticamente como as obras *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, constroem narrativas que rompem com estereótipos e evidenciam a potência das subjetividades negras femininas. Esta pesquisa, portanto, é também um gesto de afirmação e continuidade da luta por visibilidade, ancestralidade e justiça social.

A escolha da obra de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, para análise juntamente com a escrita de Carolina Maria de Jesus, se justifica pela relevância histórica, literária, bem como pelo caráter transformador de suas narrativas. As

obras das autoras citadas também descrevem com propriedade sobre a vida de mulheres negras que perpassam pela herança ancestral de seus familiares e, nesse sentido, sentem na pele a exclusão, herança e memória de outras mulheres negras. Além do que, como afirma Conceição Evaristo em uma entrevista concedida ao Estadão (2021):

Tenho uma relação muito especial com Carolina e hoje, mais do que nunca, ela se aprofunda em termos de significados e simbologia. Li Carolina nos anos 1960, em Belo Horizonte. Quando eu e minha família lemos Quarto de Despejo, éramos personagens do livro. O que Carolina vivia em São Paulo, minha família vivia em Belo Horizonte. Com Carolina, conhecemos a sobra do lixo. O que nos faltava era a fartura, o exagero, o desperdício do outro. A gente lia Carolina sendo também Carolina. Muitos anos depois, hoje, ler e pensar Carolina, estando em outro patamar, ganhando distância para ler e cada vez mais entendê-la, é muito simbólico. É quase como um milagre. Jamais imaginei, quando a li pela primeira vez, que estaria aqui falando dela. Ela tem esse sentido simbólico na minha vida. É olhar para trás e ver o que ficou lá. E na questão da literatura, ela significa, para nós, mulheres negras, que temos o direito da escrita e da literatura. Carolina é exemplar no sentido da coragem, de se meter num espaço que socialmente não era possível para ela, e isso é o que, de certa forma, eu faço também quando relembro que minha mãe e minhas tias trabalharam em casa de escritores mineiros. É uma reviravolta no jogo (Evaristo, 2021).

Dessa forma, a proximidade da escrita das duas autoras contribui para um estudo de obras de autoria feminina, mais precisamente autoria negra, sendo as obras das autoras mencionadas aqui consideradas como temporais, mas que pelas suas temáticas foram sendo atualizadas ao longo do tempo por retratar a dificuldade e exclusão do povo negro na sociedade brasileira. As escritoras relatam de forma simples e precisa a condição dos moradores de favelas, das comunidades rurais e de todo um contexto social, sendo esses socialmente estereotipados pelo simples fato de serem negros, sofrendo preconceito e racismo durante suas vidas.

Escolher as obras das autoras Carolina e Conceição é para esta pesquisadora, mulher, quilombola e negra, muito simbólico, na medida em que elas tornaram-se grande marco da literatura nas últimas décadas, por escreverem de forma poética suas ancestralidades, revoltas e por ainda descreverem a realidade cotidiana de maneira extraordinária para os leitores, influenciando assim, outras mulheres negras a produzirem suas literaturas. Desse modo, comparar os dados de obras com autoria distinta não será um desafio, visto que, mesmo com suas

singularidades na escrita, as duas autoras se unem na temática, nas denúncias e nas retratações de suas personagens-narradoras que abordam as mesmas vivências das mulheres negras na sociedade brasileira.

Além disso, este trabalho busca contribuir para os estudos de literatura brasileira contemporânea com recorte étnico-racial e de gênero, ressaltando a importância de se valorizar produções que rompem com o cânone tradicional e inauguram novas possibilidades de leitura da realidade social brasileira.

No que diz respeito à metodologia utilizada classificamos a mesma como descritiva, seguindo as contribuições de Selltiz, Wrightsman e Cook (1965), que sustentam que esse tipo desenvolve minuciosamente por detalhes um fenômeno ou situação, na qual descreve as possíveis particularidades de um indivíduo ou grupo que está sob análise, estabelecendo relações em comum. Partindo para a coleta dos dados, esta pesquisa ainda se classifica como bibliográfica e de acordo com Gil (2008), essa pesquisa é necessária no início da investigação, por colaborar na decisão de uma metodologia que seja mais apropriada, partindo da veracidade e originalidade da pesquisa.

Além do mais, a pesquisa se classifica também como qualitativa, já que em se tratando dos dados Trivinos (1987), contribui descrevendo essa abordagem como a que se baseia no objeto pesquisado, para que seja possível observar e relatar desde a origem até as consequências que pode ter sido influenciada pelas mudanças e relações do meio social. Analisar as obras de acordo com os procedimentos supracitados, possibilitará a confirmação dos marcadores literários abordados nas obras e ainda situar o período histórico que as autoras surgiram e como isso influenciou nas suas escritas.

Afora esta seção introdutória, este trabalho de conclusão de curso de graduação encontra-se organizado em seções que visam abordar estrategicamente os objetivos propostos e assim foram nomeados de acordo com os temas abordados.

Na seção, *Escrevivências e resistência: vida e obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo* é apresentada uma breve biografia das autoras, suas obras literárias e como estas podem ser vistas em relação ao cânone brasileiro.

Na seção seguinte, *A construção da identidade: ser negra e ser mulher*, analisamos o processo identitário através das contribuições das Ciências Sociais ao

longo dos anos, como também delimitamos a respeito da identidade da mulher e posteriormente da mulher negra, que pode ser apontado como mais um fator de segregação social.

Por fim, na seção, *Escrever para existir: o lugar da mulher negra em Quarto de despejo e Ponciá Vicêncio*, pontuamos as análises das obras citadas, mostrando os pontos de comunhão e também as singularidades nas escritas das autoras analisadas no que tange ao objeto deste estudo.

2. ESCRIVIVÊNCIAS E RESISTÊNCIA: VIDA E OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

As obras literárias produzidas no Brasil por mulheres negras estão ganhando uma visibilidade maior a cada dia. Sendo classificadas como escritas de resistência partindo das contribuições de Oliveira e Maduro (2021, p.87), que abordam essa escrita “[...] no sentido de uma escrita literária que opera na direção contrária ao da transcrição documental com o intuito de revelar a verdade de um passado de opressão e luta [...]. Mostrando a realidade de grupos historicamente desfavorecidos e a vivência das mulheres negras, juntamente com toda a ancestralidade são elementos importantes para essa consolidação.

Apesar de ganharem notoriedade, essas abordagens não se desenvolveram, por isso julgamos necessário nesta pesquisa conhecer a história de vida de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, enquanto mulheres negras e intelectuais. Portanto, neste capítulo iremos relatar as dificuldades enfrentadas por elas na sociedade brasileira, suas histórias de vida, obras literárias e como se deu a presença destas no cânone literário brasileiro.

2.1 CAROLINA MARIA DE JESUS: VIDA E LITERATURA EM DIÁLOGO



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BI6PyYVnz3g/?igsh=Y2hnOWpjbjdnejhn>

A vida de Carolina Maria de Jesus, teve início no dia 14 de março de 1914, natural da zona rural da cidade de Sacramento. Sendo descendente de pessoas negras e de todo um passado e ainda presente de injustiças, discriminação e escravidão, sua vida não poderia ser diferente das vivências dos seus

antepassados, que também foi imposta pela sociedade brasileira perpetuando assim mais de três séculos de escravidão.

Ao passar dos anos, a convivência na cidade de Sacramento se caracterizou de forma difícil, especificamente para ela, uma criança negra que tinha direitos negados e poucas possibilidades em alguns âmbitos sociais, ou seja, não obtinha nenhuma chance de progredir na sociedade brasileira do século XX.

Mesmo só podendo ter acesso à escola no período de dois anos, esse curto período de tempo foi suficiente para que ela realizasse o sonho de ser escritora. Sendo uma mulher negra, foi um grande avanço ter conseguido a vaga na escola, pois o direito do acesso às escolas era reservado exclusivamente para as pessoas brancas. Segundo Gabriel (2014), às pessoas escravizadas não eram liberadas a frequentar a escola mesmo que fossem livres, com a justificativa de que esse convívio próximo com as crianças brancas poderia acarretar na absorção de maus costumes, além de que no trabalho escravo não era utilizado os conhecimentos aprendidos nas escolas. Nesse contexto, com a contribuição de Souza (2011, p.38), podemos observar que “os efeitos perversos da escravização se estendem aos modos socioculturais de usar a leitura, a escrita e a oralidade, bem como as sentidos dessas práticas para brancos e negros, mesmo tanto tempo após a abolição da escravatura”.

Foi no colégio Allan Kardec que Carolina assistiu às aulas, mas lá também enfrentou desafios em sua permanência. Sendo diariamente alvo de racismo com a reafirmação de seus estereótipos que só tinham a intenção de insultá-la. Após os dois anos de convívio na escola ela teve que se mudar junto com sua mãe, pois a mesma havia encontrado um novo emprego.

Tendo frequentado muitos ambientes de trabalho no período da sua adolescência e vida adulta, Carolina e sua família inúmeras vezes tinham que se mudar em busca de melhores condições de vida, o que a cada emprego se mostrava cada vez mais raro, já que a cada novo local de trabalho era encontrado também péssimas perspectivas. Com isso, anos depois, após o falecimento da sua mãe e do avô, ela estando sem companhia, enxerga uma nova possibilidade de melhoria de vida, mudar-se para a cidade de São Paulo. De início a esperança de uma nova realidade era presente em sua vida, entretanto, foi percebendo que tudo

não passava de uma utopia, dessa forma também trabalhou em uma diversidade de empregos para tentar se manter financeiramente e de acordo com Gabriel (2014, p.25), “Carolina chegou a dormir sob pontes, em estradas, passou noites ao desabrigo, pois não tinha ninguém para ajudá-la ou acolhê-la, estava só”.

No ano de 1948, quando ela construiu seu barraco na favela do Canindé, após perder o emprego de empregada doméstica por estar grávida, adotou a profissão de catadora de lixo, por não ter outra oportunidade melhor. Trabalhou durante toda a gravidez, pois era a única forma de sustento familiar e após o nascimento da criança, iniciou a venda dos materiais que encontrava no lixo. A nova realidade de Carolina a deixou por muitos dias cansada, sem dinheiro suficiente para a alimentação e essa condição lhe causava revolta, anos depois começou a escrever seus sentimentos em folhas encontradas no lixo e que eram guardadas para esse objetivo.

Como ressalta Ferreira (2019), Carolina, por ser mãe solteira, agora de três filhos, ela não demonstrava interesse em casar, pois observava que a maioria dos casamentos eram complicados, por vezes abusivos e chegando também a serem violentos. Ela evidenciava que preferia a escrita do que um casamento, pois não era difícil que algum homem pudesse não gostar dela “perdendo” tempo lendo, assim optou por priorizar essa parte importante da sua vida. Dessa forma, Carolina mostrou-se com um pensamento bastante avançado perante aos modos da sociedade da década de 60, na qual as mulheres só restava o casamento, a criação dos filhos e os afazeres domésticos, ela preferiu a literatura como sua companheira e aliviadora das mazelas.

Com o passar dos anos, foi reafirmado o interesse pela poesia e assim descreveu seus ideais de vida e pensamentos em folhas que após serem encontradas no lixo eram guardadas para escrever a realidade vivenciada por ela e seus três filhos. Fazendo desse diário um hábito constante, como forma de desabafo perante as péssimas condições que enfrentava. As suas obras eram representadas de formas únicas e verdadeiras, tendo como características marcantes o testemunho que foi realmente vivenciado, a sua consciência enquanto mulher favelada. Além de uma consciência da desigualdade social da sociedade brasileira, produzindo assim, uma narrativa na qual Gabriel retratou que (2014, p.17), “[...] ela conseguiu construir

sua identidade por meio desses escritos, pois neles ela resgatou suas origens e descreveu sua trajetória de vida até aquele momento (autobiografia).

O repórter Audálio Dantas, que estava a trabalho na favela do Canindé, foi atraído pela concentração de pessoas que ouviam as ameaças proferidas por Carolina, ela gritava com os vizinhos e ainda os ameaçava de colocar seus nomes no seu diário. Ao ter contato com seus escritos, Audálio a ajudou selecionando e sendo o pioneiro na publicação do seu primeiro livro *“Quarto de despejo: diário de uma favelada”*, que após sua publicação fez com que a autora e os filhos saíssem da favela para morar numa casa mais digna: a casa de alvenaria.

Ao longo de sua vida, Carolina publicou outras obras que também denunciavam, relataram e demonstraram a sua importância para a literatura brasileira, ainda mais por ser de autoria feminina. Em seu segundo livro publicado, intitulado *“Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada”*, Carolina descreve a sua vivência sobre a nova perspectiva de vida, seus novos objetivos e o cansaço com novos problemas que surgiram como a vizinhança que não aceitava ela e seus filhos e também com seus novos compromissos que ocupavam grande parte do seu tempo. Por isso, comprou uma chácara para ir morar com seus filhos e assim ter sossego, utilizando desse espaço para plantar e criar animais até o dia da sua morte.

2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E LITERATURA EM DIÁLOGO



Fonte: Instagram da autora

<https://www.instagram.com/p/CgcQa2mrGuu/?igsh=dnAycjg0anhkaTh5>

A vida de Maria da Conceição Evaristo de Brito, iniciou-se no dia 29 de novembro de 1946, especificamente em uma favela de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de uma mulher negra que trabalhava como lavadeira e que escrevia em um diário sobre os acontecimentos do dia a dia. A sua infância humilde foi marcada por adversidades impostas pelo racismo, pobreza e muita dedicação, já que desde sua adolescência trabalhava como empregada doméstica para ajudar nas despesas da casa.

Apesar das dificuldades, Conceição Evaristo sempre buscou melhores oportunidades para sua vida, mudou-se para o Rio de Janeiro e lá tornou-se a primeira dentre seus nove irmãos a cursar e obter um diploma do Ensino Superior em Letras Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no início dos anos 70. Conseguindo mais tarde concluir um mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, explorando os temas de afro-brasilidade, já em 2011, concluiu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

No mesmo período que Conceição se mostrava ativa na valorização da cultura negra, surgiu a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), nesse contexto de busca por mais direitos civis para a população negra norte-americana em nível nacional. Machado (2013, p.02) destaca que como Conceição Evaristo sofreu racismo durante sua infância, foi através desse movimento que conseguiu valorizar e compreender que a cultura negra também poderia se estabelecer como possibilidade política e social.

Chegando a trabalhar como professora na Divisão de Cultura Afro-Brasileira, também como pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira e ainda vindo a participar do grupo *Negrícia- Poesia e Arte de Crioulo*, em 1980, no qual eram apresentados recitais em favelas, bibliotecas públicas, e encontros de autores negros. Com a sua participação ativa no grupo, Conceição conseguiu publicar seu primeiro texto nos anos 90, mais exatamente um poema que fez parte dos *Cadernos Negros*. Essas experiências contribuíram com a sua visão de mundo e escrita, que se tornou um meio de explorar e expressar as complexidades da experiência negra no Brasil. Sendo essa publicação a porta de

entrada de Conceição Evaristo na literatura, vindo posteriormente a lançar mais poemas nos Cadernos que foram significantes ao relatar seu povo:

Por meio de seus poemas, Conceição Evaristo tece uma escrevivência que traz à tona a “experiência” de vida da população afro-diaspórica desde sempre marginalizada e silenciada nos meandros sociais e literários, ambos marcados pelo signo da exclusão de sujeitos não pertencentes à elite econômica brasileira, ao padrão homem, branco, heterossexual (Silva; Vilela, 2020, p.122).

Conceição Evaristo não fincou sua escrita em apenas um gênero textual, mas abrangeu suas publicações para outros gêneros como romance e contos, que também contribuíram para a literatura brasileira e continuam abordando as temáticas sobre identidade, resistência e memória.

2.3 OBRAS E TEMÁTICAS

Carolina ao trazer sua escrita, como possibilidade de se libertar da realidade, escrevia diariamente nas folhas guardadas. Esse momento era marcado pela saída de suas palavras para uma reflexão da sua vida, do convívio com os vizinhos favelados, da tristeza, da fome e das relações desiguais da sociedade com intuito de ser reconhecida um dia como escritora e poeta. Com isso, Carolina utilizava das suas obras “[...] para denunciar o que a incomodava, as injustiças que via e vivia, postava em seus textos mais que suas vivências, imprimia a sua identidade, a sua marca (Freitas; Lopes. 2020. p.05).

O conceito de escrevivência de Conceição Evaristo se encaixa perfeitamente também nos relatos de Carolina, visto que, deve ser compreendido como uma forma de uma memória coletiva de um povo que foi invisibilizado e que a partir das suas vivências ancestrais descreve a realidade ao seu redor, enquanto mulher negra e periférica:

A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande (Evaristo apud TV BRASIL, 2017).

Assim como o conceito de letramento de reexistência de Souza (2011, p.36) se aproximam da realidade vivenciada por Carolina já que “mostram-se singulares, pois ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discurso já cristalizados[...]”.

No ano de 1955 quando escreve no diário a sua angústia por não conseguir comprar sapatos novos para a sua filha mais nova, ela já era mãe de três filhos. Esse e outros acontecimentos eram marcantes e recorrentes na vida da família e a mesma aproveitava as situações vivenciadas para expor os verdadeiros responsáveis da sociedade brasileira se encontrar dessa forma.

Por utilizar de relatos pessoais do que realmente estava acontecendo, a autora descreve com propriedade sua escrevivência, sendo perceptível a necessidade de falar, por ter sido muitos anos silenciada pela sociedade. É na escrita do diário que Carolina grita chamando atenção para o que realmente está acontecendo na favela do Canindé e em outros pontos físicos e sentimentais da realidade dura e inconsistente da vida da pessoa negra no Brasil. Criticando principalmente os políticos por apenas se voltar ao povo durante as campanhas eleitorais e após estarem eleitos, não visualizar os favelados:

Nesse diário, a denúncia social ganha força, tendo em vista que os relatos da escritora mostram uma realidade até então ignorada pelos que viviam nas salas de visita; como ela mesma afirma, a favela é o quintal, onde os ricos jogam o lixo (Freitas; Lopes, 2020, p.17).

Mesmo tendo a noção que essas problemáticas são reflexos do passado-presente do Brasil, pois a sociedade ainda perpetuava as marcas da escravidão na forma do racismo estrutural. A respeito dessas marcas temporais Silva (2019, p.64) explica “[...] ao retratar o cotidiano por meio do diário, seu discurso ganhou um tom atemporal, passando tanto a representar o que ela viveu, quanto o que muitas pessoas passam hoje, passarão, ou nem de perto viverão isso”. Então, ao descrever sua vida com marcas profundas enraizadas da escravidão que perdurava e a afligiam diariamente quando observava ou relatava sua vida, Carolina faz uma ligação entre os descasos da sociedade com as pessoas negras e dos privilégios que as pessoas brancas já conseguiam antes mesmo de nascer, reafirmando a condição de subalternidade por conta da cor.

Sua ousadia em escrever a realidade e ainda criticar os políticos e pessoas de poder e prestígio foi marca permanente sobre sua chegada na literatura, estando numa ponte entre o social e o literário, ela se estabelecia com características dos dois grupos e assim se traz na sua identidade autoral uma marca permanente de conseguir transformar em poesia as mazelas enfrentadas:

Carolina Maria de Jesus produz uma literatura de enfrentamento social porque materializa uma escritura que marca o seu projeto literário neste lugar da ruptura, do não lugar, do impensado, a partir da produção de novos sentidos, em direção da denúncia social das mazelas de um país que se quer “debaixo do tapete”, diríamos, silenciado, cuja visão não é “cheirosa”, tampouco agradável (Leandro, 2019, p.127).

Sendo suas obras e sua vida importantes para o contexto histórico e literário brasileiro, já que juntas contribuem para a consolidação das denúncias na década de 60 e também da vida desagradável da pessoa negra no Brasil.

Se é possível mencionar a forma como Carolina transgrediu nesse universo, passando por preconceito e racismo e descrevendo esses acontecimentos de maneira lírica e brutal. Para os que leem seus relatos e posteriormente se encontram no meio dessas pessoas, disputando espaço e atenção da mídia por ainda ser mulher, suas obras sofreram críticas a mais do que qualquer outra da época por revolucionar e não se deixar silenciar.

Utilizando a linguagem para gritar ao mundo sua voz que por anos ficou presa na garganta, pronta para ser dita e assim expor sua revolta dos acontecimentos de exclusão, Carolina se mostra uma mulher mais transgressora de limites do que descreveu, pois ela ultrapassou os níveis de literariedade descrevendo uma escrevivência sem precisar plagiar ninguém, mas sendo classificada como prazerosa e acolhedora.

Além de apresentar à sociedade a sua escrevivência, a autora se faz personagem de seus relatos, descrevendo uma Carolina que não aceita sua condição de vida, que luta e vai atrás de melhorias, mas que acima de tudo está de olhos abertos para todas as injustiças e favorecimentos indevidos. Não apenas se vitimando ou se colocando como favelada, mas como mulher que era a provedora do lar e seria escritora e poetisa:

A escrevivência se torna um recurso de emancipação. O corpo negro que há séculos vem sendo submetido a um apagamento constante, quando grita “Sou eu quem escreve!”, e faz questão de marcar o texto com seu corpo, marca-se no mundo, cria-se, liberta sua voz (Melo; Godoy, 2017. p.1289).

A presença das obras de Carolina na literatura se confirma com diversos elementos presentes no dia a dia, mas abordadas de forma poética mesmo que as condições de escrita ou de permanência no estímulo de escrever não tenham sido favoráveis:

É por isso que consideramos a literatura produzida por Carolina como resistência, visto que, em meio a um ambiente inóspito, em que a leitura e a escrita nem sempre fazem parte, Carolina, na posição de sujeito-autor, autorizava-se a dizer (Leandro, 2019, p.120).

Torna-se inquestionável que a resistência, denúncia e a escrevivência atravessaram a vida e obras de Carolina, ao descrever sua realidade de forma poética e dolorosa. A autora consolida sua escrita como pertencente à literatura brasileira como deixa claro Freitas e Lopes (2020, p.10) sobre a escrita de Carolina, “[...] é um marco revolucionário por diversas razões: além de retratar as experiências de quem realmente conhecia a miséria, a pobreza e a fome, representa uma denúncia social de uma realidade ignorada pela sociedade”.

Desde a infância até a vida adulta, a trajetória de Carolina perpassa por inúmeros preconceitos e invisibilidades sociais, não apenas pelo fato de ser mulher, mas principalmente por ser negra e por não ter medo de escrever sobre a realidade que vivenciou junto de seus filhos. Fazendo críticas brutais à realidade da sociedade brasileira, segundo o crítico Tom Farias (2020), Carolina possuía um pensamento único e através de sua escrita simples deixou seu legado de indignações as condições que viveu por toda sua vida.

Conceição Evaristo descreve o protagonismo da mulher negra, a realidade que ela e suas personagens vivenciaram, através de suas denúncias sociais sobre o racismo e exclusão do povo negro, a mesma busca trazer a valorização da cultura afro-brasileira. Assim como afirma Sena (2012, p.291), “Através da densa trama rítmica que tece em sua escritura, Conceição Evaristo evoca e convoca as sensibilidades das mulheres negras marginalizadas”. Narrando o cotidiano brasileiro com suas personagens socialmente marginalizadas e injustiçadas, ela retrata os preconceitos e a falta de visibilidade social de seu povo.

As diversas obras de Conceição Evaristo são marcadas pela sensibilidade e um compromisso com a representação autêntica das experiências negras no Brasil. Sua produção acadêmica e literária reflete sua identidade como mulher negra na sociedade, por explorar poeticamente a dureza da vida dos marginalizados, mesclando violência e sensibilidade em uma narrativa marcada pela escrevivência. Seus romances, contos e poemas exploram uma variedade de temas, incluindo racismo, discriminação, identidade, memória e resistência:

Na obra literária de Conceição Evaristo, a memória aparece como elemento absolutamente central. Ela chega a afirmar que todo seu trabalho de escritora consiste em perseguir vestígios de memória para recompor uma história perdida (Machado, 2013, p.05).

Histórias essas que seus familiares contavam oralmente e que sua própria mãe recontava como forma de manter as memórias e que a própria Conceição Evaristo ressaltou em uma entrevista durante um encontro virtual “quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo” (Duarte; Nunes, 2020, p.42).

Seu primeiro romance e o trabalho mais reconhecido é, *"Ponciá Vicêncio"* (2003), que narra a jornada de uma mulher negra em busca de autoconhecimento e liberdade em meio à opressão, à marginalização, ao barro, ao trabalho escravo e principalmente à herança afrodescendente deixada por um ancestral, seu avó, que é a escravidão e a vida marcada pela opressão do povo preto. Este livro, assim como muitos outros de sua autoria, oferece uma perspectiva íntima e poderosa da vida de pessoas negras que vivem nas margens da sociedade brasileira, por conta do racismo e do preconceito racial.

No romance *"Becos da Memória"* (2006) destaca-se por abordar temas como pobreza, preconceito e desfavelamento. O livro de poemas *"Poemas da Recordação e Outros Movimentos"* (2008) consolidou sua reputação literária, com poemas publicados nos Cadernos Negros e reconhecidos internacionalmente. Além de sua produção literária, Conceição Evaristo é conhecida por seu ativismo cultural, criticando a sub-representação de autores negros em eventos literários como a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2016, o que impulsionou discussões sobre inclusão e diversidade no meio intelectual. E que no ano seguinte já sofreu mudanças favoráveis, onde ela comentou durante uma entrevista “A presença nas mesas oficiais de escritoras negras e escritores negros tornou a Flip

um evento mais democrático. Aquela Flip se tornou histórica”. (Duarte; Nunes, 2020, p.45).

Conceição Evaristo também é reconhecida por sua poesia, que combina uma linguagem rica e evocativa com uma análise incisiva das estruturas de poder e privilégio. Seus poemas celebram a beleza e a resistência da cultura afro-brasileira, enquanto também confrontam as injustiças e as cicatrizes deixadas pela escravidão. Já que através do contexto de escrevivência, Salgueiro (2020, p.110) contribui:

As escrevivências de Conceição Evaristo reverenciam as ancestrais, trazendo uma escrita de avanço das frentes abertas por Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) na estética literária feminina negra na literatura brasileira.

Sendo perceptível que seus textos perpassam por narrativas pertencentes a ela e todo um povo negro que enfrentou e ainda enfrenta desafios significativos desde cedo, mas sua resiliência e persistência levaram a trilhar um caminho de destaque na literatura.

Suas obras são profundamente enraizadas na experiência negra brasileira e nas lutas diárias enfrentadas por aqueles marginalizados:

A escrita é compreendida como espaço de rasura diante do silenciamento imputado às minorias, bem como de articulação entre o sensível e o inteligível enquanto possibilidade de resignificação da opressão, oportunizando a emergência de novas possibilidades de compreensão do mundo (Bispo; Lopes, 2018, p.192-193).

Seus escritos exploram temas como racismo, machismo, desigualdade social e as complexidades da diáspora africana no Brasil. Em sua produção literária, Conceição Evaristo frequentemente dá voz aos marginalizados e invisíveis, trazendo à tona suas histórias e perspectivas negligenciadas pela sociedade dominante. Seus personagens são vívidos e multifacetados, e suas narrativas são impregnadas de uma mistura única de realismo cru e a escrevivência.

2.4 PRESENÇA NO CÂNONE LITERÁRIO

A presença de Carolina e Conceição Evaristo no cânone literário brasileiro é cada vez mais reconhecida e celebrada. Suas vozes únicas e também plurais, de todo um povo ancestral, trouxeram uma nova dimensão à literatura nacional,

enriquecendo-a com narrativas e experiências que há muito tempo foram marginalizadas e ignoradas. Porém nem sempre foi dessa maneira, já que era impossível uma mulher fazer parte do cânone literário, ainda mais distante por serem negras. Com isso, a chegada nesse universo passou por fricção e também diversas tensões/questionamentos, onde os próprios escritores canônicos das épocas de cada uma alegavam que suas obras estavam distantes de fazer parte da literatura brasileira, segundo Silva (2011, p.39) “Nesse contexto em que a língua portuguesa é oficial, ser branco ou ser negro é fator decisivo para a atribuição de valor a uma memória oral, para poder compartilhar, produzir e veicular um discurso com e sobre determinada história”. Por isso, que Carolina não tinha projeto literário, haja vista sua origem, diferentemente de Conceição que consegue outras formas de acesso à educação.

Um breve contexto histórico mostra que as relações raciais no Brasil ao longo do tempo foram atravessadas por marcos importantes para todas as áreas sociais. A partir do século XIX, o país incentivou pesquisas sobre as características da sociedade e a partir dos resultados foi estabelecido um novo olhar sobre os povos mestiços, já que os mesmos eram considerados como uma impureza da sociedade.

No período histórico após abolição, de acordo com Seyferth (1989), os negros e mestiços que eram impostos as classes inferiores da sociedade brasileira, eram por diversas vezes considerados e tratados como animais e não como pessoas pertencentes da sociedade. Mesmo quando passaram de escravos a cidadãos livres eles ainda deveriam seguir o modelo de civilização ocidental, que tanto apagou suas identidades, esse momento vivenciado apresentou com mais clareza que mesmo “livres”, esses cidadãos ainda deveriam seguir as ordens e os costumes ensinados pelos colonizadores, ou seja, não exercendo assim nenhuma liberdade de escolha e nem possibilidade de reacender as suas identidades que foram ao longo dos séculos sendo apagadas e embranquecidas.

A partir dessa exposição, é ainda importante ressaltar uma tese que foi estabelecida no Brasil, inicialmente através de Sylvio Romero em 1888 e posteriormente aprofundada pelo médico e antropólogo João Batista de Lacerda em 1911, nomeada branqueamento. Se baseou no ideal que após três gerações era possível que as características que iriam prevalecer do processo de apagamento da

mestiçagem, seriam as das pessoas brancas, essa tese tinha por objetivo acabar com o desequilíbrio na sociedade, que era sempre associado aos negros e mestiços.

Cabendo ainda destacar a escola antropológica de Nina Rodrigues, que trouxe os estudos sobre o negro no Brasil, possuindo papel importante ao resgatar a cultura africana na Bahia, ele aborda a questão racial propagando as ideias evolucionistas que ao supor que se os negros carregavam o peso de serem responsáveis pela inferioridade, o Brasil não progrediu, já que para a academia o negro era tratado como criminoso ainda por conta da escravidão.

A partir do início do século XX, o meio e raça serão vistos como áreas do conhecimento que se voltam à realidade do Brasil. Já na década de 30 Gilberto Freyre, descreveu a democracia racial como uma utopia e alegando ainda que não passava de um mito. Mesmo com certos avanços, o branqueamento não é de fato encerrado, visto que, o dogma da democracia racial teve por base a forma como as desigualdades se constituíram na sociedade brasileira, alegando que advinham da escravidão. Posteriormente alguns autores a exemplo de Arthur Ramos, retomou os estudos de Nina Rodrigues, visando ressaltar a importância e contribuição dos negros no país, tornando-o juntamente com a cultura o que adveio da escravidão, os seus objetos de estudos, descrevendo como ocorreu a sobrevivência desses povos negros após se encaixarem nas músicas e comidas populares. Sendo Florestan um grande crítico direto e frontal de Gilberto Freyre, ou seja, ele não concordava como estavam dispostas as relações sociais nas obras, pois sabia que na realidade a pessoa negra era discriminada, violentada e que as formas de tratamento para com elas eram no mínimo cruéis e não amorosas.

Nas décadas entre 50 e 60, o negro era posto mais uma vez como problema da miscigenação e em outros momentos como solução. O que leva novas pesquisas, onde foi justamente a questão de que as desigualdades impostas aos povos negros foram marcantes na sociedade, sendo assim essa divisão se tratava em sua maioria por conta da economia. A partir de Florestan Fernandes, notou-se que os brasileiros ainda continuavam com atos racistas e preconceituosos, mesmo declarando esses atos inapropriados, além de que quando falavam em “preto”, sempre era em referência a classes de baixa renda.

E é nesse contexto perpassando por fatos históricos e sociais que surge Carolina Maria de Jesus, mulher negra, periférica, pobre e mãe solteira de três filhos que escreve sobre os fatos vivenciados no seu cotidiano, sobre a luta para se sustentar e sustentar seus filhos numa sociedade que ainda carrega as marcas de um país que por séculos foi escravocrata. Descrevendo em sua narrativa a frustração em conjunto do seu esforço ao acordar cedo para catar ferro e papelão e posteriormente vender para poder comprar comida com os trocados que ganhava, ainda denunciava as injustiças que passava enquanto buscava a sobrevivência. Carolina, por se manter forte nas críticas a sociedade, descrevia com êxito como as pessoas brancas se sentiam superiores aos negros apenas por conta da cor.

Vista também como forma de denúncia das condições de vida das pessoas marginalizadas e periféricas nos anos 60, a escrita de Carolina, não poderia ser de outra forma compreendida, para Toledo (2010, p.248): “O que escreveria uma mulher negra, miserável, sozinha no mundo, semi-analfabeta senão a sua própria história?”.

De certo, que com a grande repercussão de sua primeira obra e da forma como ela abordou a linguagem, que haveria os que não concordassem e os que a defendesse como obra original e única. Se tornando grande símbolo literário, “Carolina reelabora a dor sentida por meio das palavras, que canalizam para a página o sofrimento, cristalizando-o além de si e do barraco que abriga a cena.” (CORONEL, 2014, p.273), reafirma a originalidade e sensibilidade que a escritora descreve os acontecimentos do dia a dia, sendo muitas vezes perceptível na escrita um tom irônico diante das adversidades que a realidade era vivenciada junto dos seus filhos, que são abordados constantemente como os motivos que a fazem ter força para continuar viver, para um dia proporcionar melhor qualidade de vida a eles.

Toda a experiência vivenciada e relatada poeticamente em suas obras, fazem de Carolina um objeto de estudo, já que a literatura não era acessível às pessoas pobres e faveladas. Rompendo com esse panorama, ela adentra como mulher vista pela sociedade, onde muitos repórteres e jornais queriam uma entrevista com esse ícone que mesmo vinda do subúrbio e sem um nível de escolaridade considerado aceitável, conseguiu voltar os olhares de milhares de pessoas sobre como é a vida na favela e as injustiças sociais ali presentes:

Através da escrita de si, a autora denuncia as injustiças sociais e luta para transformar sua realidade. Escrevia com o corpo e com a alma, usando a sua escrita como uma arma para superar os desafios impostos pela difícil situação vivenciada por ela desde sua infância (Freitas; Lopes. 2020. p.06).

Décadas mais tarde, surge Conceição Evaristo na literatura, entretanto a presença do elitismo dentro do cânone literário na década de 1990, marginalizou e dificultou sua aceitação, já que a sua escrita não se encaixava no perfil tradicionalmente aceito. O que acarretou em um reconhecimento tardio das obras e da própria escritora enquanto pertencentes ao cânone brasileiro. Além disso, a resistência também se voltava por Conceição abordar as vozes, experiências das mulheres negras explorando temas de memória, identidade, e a luta contra a opressão, oferecendo uma perspectiva que estava ausente no cânone literário tradicional:

Conceição, com sua escrevivência, é geradora de padrões literários afro-brasileiros, que vão sendo identificados, mapeados e seguidos, enquanto faz ouvir sua voz e leva outras mulheres a contarem suas histórias e se fazerem ouvidas, deixando de lado o privilégio dado, ao longo dos tempos, a textos, construções e narrativas predominantemente masculinas e brancas (Salgueiro, 2020, p. 100).

O acolhimento nas academias e críticas literárias só passaram a reconhecer a importância da obra de Conceição Evaristo, especialmente com o crescimento dos estudos de literatura afro-brasileira e pós-colonial. Segundo Machado (2013, p.259), “no mesmo ano da publicação de Ponciá, 2003, foi promulgada a Lei nº 10.639, que determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil”. Com isso, foi de certa forma mais “favorável” a aceitação e inserção dessa obra no campo acadêmico, chegando a fazer parte da bibliografia necessária para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG), e posteriormente por outras instituições federais e estaduais, assim como dentro das próprias escolas de formação básica onde destaca sua relevância cultural e histórica. Com o passar dos anos e também com o crescente interesse nas temáticas e escritas que abordam sobre os afrodescendentes que foram historicamente desfavorecidos, Conceição Evaristo recebeu diversos prêmios e honrarias ao longo dos anos, o que ajudou a consolidar seu lugar no cânone literário. Em 2018, ela foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria de Romance, o mais prestigiado prêmio literário do Brasil.

O impacto de Conceição Evaristo vai além de suas publicações. Ela é uma voz ativa na luta por mais inclusão e diversidade na literatura brasileira. Seu conceito de *escrevivência*: a escrita como ato de sobrevivência e resistência, tem influenciado uma nova geração de escritores e escritoras. Tondo (2018, p.15) descreve: “seu nome é regularmente citado e a sua produção literária é constituída de poemas, contos, romances e ensaios. Seus romances e poemas já foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol e italiano”. Essa contribuição do autor supracitado é um marco importante na história do nosso país, como também para a própria escritora que com sua escrita, coragem e resistência incentiva as pessoas negras a serem além do que objetos de estudos, mas também sujeitos de pesquisa.

Embora Conceição Evaristo tenha enfrentado obstáculos significativos no início de sua carreira, sua recepção no cânone literário tem sido cada vez mais positiva, refletindo uma mudança no reconhecimento da diversidade e complexidade da literatura brasileira:

A *Escrevivência*, no terreno da escrita, é construção, é formulação, é recuperação da humanidade do sujeito negro construída muitas vezes de forma deturpada pela autoria branca, enquanto reinscreve esse sujeito afrodiaspórico numa narrativa que o contempla, representa e convoca (Lins; Motta, 2020, p.268).

Com isso, ela desafia não apenas as estruturas literárias tradicionais, mas também os próprios limites do que é considerado "canônico" na literatura brasileira. Sua obra questiona e subverte as hierarquias estabelecidas, abrindo espaço para uma maior diversidade de vozes e experiências.

Conceição Evaristo é muito mais do que uma escritora talentosa: ela é uma líder cultural cuja vida e obras inspiram e desafiam tanto os leitores quanto os críticos. Sua contribuição para a literatura brasileira é inestimável, e sua presença no cânone literário é um lembrete poderoso da importância da diversidade e da inclusão na arte e na cultura.

Sua vida e obra são testemunho do poder transformador da escrita e da *escrevivência* frente às adversidades. Além disso, ela é uma figura influente fora do mundo da literatura, sendo uma voz presente no ativismo pelos direitos humanos, especialmente no que diz respeito à população negra e marginalizada de um passado-presente:

[..] a resistência na poesia de Conceição Evaristo se constrói, ideologicamente, não apenas a partir da revisão do nosso passado histórico a fim de ver, sob uma outra óptica, a dos oprimidos, a narrativa que foi oficializada sobre tal passado, mas, também, da denúncia do presente, ainda marcado por injustiças e desigualdades, e, sobretudo, da anunciação de um futuro que poderá ser construído por homens e mulheres a partir da luta por transformação social (Silva; Vilela, 2020, p.121).

Sua presença e engajamento em questões sociais contribuem para sua relevância e impacto duradouro na sociedade brasileira.

As experiências vivenciadas por Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo não foram diferentes das demais mulheres negras que partilham de um passado-presente de um país escravocrata. Segundo Freitas e Lopes (2020, p.05) Carolina denunciava, através de seus textos, tudo que era considerado um incômodo e ainda utilizava desses relatos para descrever a realidade vivenciada e assim ia transparecendo sua identidade e marca literária. Já Conceição Evaristo também aborda em suas obras diversas denúncias e relatos, segundo Duarte e Nunes (2020, p.36) em um depoimento que a mesma declara: “A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições”. Nesse sentido as duas autoras se unem na escrita de uma literatura negra, marginal e de memórias pessoais/coletivas, a escrevivência, que denunciam a realidade através da literatura de forma poética e dolorosa. Assim como atesta Souza (2011, p.37) “A singularidade está nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas... não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer [...]”.

Em suma, as obras das duas autoras que foram apresentadas ao longo do capítulo desafiam as narrativas tradicionais e oferecem uma visão profundamente pessoal e autêntica da experiência negra. Carolina e Conceição Evaristo são figuras inspiradoras cujos trabalhos ressoam não apenas com os leitores brasileiros, mas também com um público internacional cada vez mais interessado em explorar a diversidade e a riqueza da literatura afro-brasileira. Dessa forma, pode-se pensar até que ponto fazer parte do cânone literário seria algo indispensável na escrita e na vida das duas, haja vista que do lugar ao qual fazem parte as mesmas conseguem denunciar e representar a sociedade brasileira sem seguirem determinadas formas de escritas, o que possivelmente não aconteceria se adentrassem no cânone.

3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: SER NEGRA E SER MULHER

A proposta para este capítulo se configura em descrever como o conceito de identidade foi tratado do ponto de vista sócio antropológico e histórico. Além disso, também discutiremos sobre a construção da identidade negra e principalmente a identidade da mulher negra a partir das marcas sociais que atravessaram e atravessam a construção sobre e desses sujeitos. Inicialmente, partiremos de uma análise das teorias raciais do século XIX, que serviram de base para os discursos de inferiorização e exclusão da população negra e ainda estão presentes na contemporaneidade. A seguir, abordaremos as identidades das pessoas negras e da mulher negra especificamente e como estas foram consideradas a partir dos autores que as afirmam como construção histórica e também a partir das vivências sociais que foram e ainda são marcadas pelo racismo e pelo sexismo.

3.1. AS TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX E COMO ELAS SE FAZEM PRESENTES NOS DIAS DE HOJE NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Pensar em teorias raciais brasileiras no final do século XIX e início do século XX, faz com que seja observado através das Ciências Sociais as problemáticas dessas épocas, na qual a identidade nacional era a primeira e mais escancarada dificuldade, por sua base se assentar no próprio racismo. Segundo Munanga (2003), o racismo é “[...] uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns [...]”. Dessa forma, as pessoas racistas normalmente pensam que existem grupos inferiores unicamente por conta da cor da pele e outros aspectos físicos.

Com isso, Seyferth (2015), descreve que “[...] um dos elementos mais importantes na análise do pensamento social no Brasil é a forte presença dos autores que se propuseram a pensar a questão racial na formação social nacional”. Já Schwarcz (1998), aborda que para compreender as questões raciais foi preciso pensar nas singularidades de cada localidade. Ortiz (1985), aborda Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Euclides da Cunha como os autores responsáveis pelo

desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil através das pesquisas e estudos voltados para as razões sociais e literárias que permeiam a sociedade. Com isso, Sílvio Romero situa teorias que marcaram o declínio do romantismo, a exemplo do evolucionismo de Spencer, dentre outras influenciaram na evolução dos povos.

Em particular, o evolucionismo contribuiu para o pensamento de que a elite europeia era superior dentre as outras. Pensando no contexto brasileiro, essa teoria fez com que os estudiosos parassem para observar o chamado “atraso nacional” como forma de tentar sanar esse problema, dessa forma chegaram às noções sociais de meio e raça.

As mudanças advindas dessas descobertas influenciaram nas obras escritas no período inicial do século XX , dessa forma a grande maioria de materiais publicados demonstraram o problema do meio e da raça quase que involuntariamente. Dessa forma Ortiz (1985), argumenta que o meio foi estabelecido como uma das causas do Brasil ser um país beneficiado com a economia escravagista e que com os fatores de raça unidos ao meio, tornou-se um fator ainda mais determinante dessa teoria. Além de mostrar que outros autores pensavam da mesma forma a exemplo de “Sílvio Romero, que compreende claramente esta situação quando considera o meio e raça como “fatores internos” que definiram a realidade brasileira”. (idem, p.17).

A problemática das questões raciais foi considerada mais importante por Sílvio Romero do que as questões que envolviam o meio, por levar em consideração que durante o período do romantismo e do período de escravização não foi considerado a presença da raça das pessoas negras, com isso, não se encontra materiais escritos se diferenciando dos povos indígenas que possuem grande acervo.

Ao abordar o pensamento racial brasileiro Seyferth (2015), descreve que “[...] um dos elementos mais importantes[...] é a forte presença dos autores que se propuseram a pensar a questão racial na formação social nacional”. Com isso, ela ainda contribui afirmando que as questões raciais ainda passam por problemáticas para se firmar no Brasil. Dessa forma, as produções de outros autores sobre a mestiçagem e temáticas referente ao contexto racial foram e ainda são de extrema importância pela contribuição histórica do período.

A respeito da mestiçagem Ortiz (1985, p.19), contibui que “torna-se corrente a afirmação de que o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio”. Neste contexto, as pessoas brancas sempre tiveram

privilégios em comparação às outras raças e com isso, foi-se pensando pelos intelectuais nas possibilidades de acabar com os mestiços através do processo de branqueamento completo da sociedade brasileira. Com a chegada dos anos 30, Schwarcz (1998, p.270), descreve “[...] a própria mistura de raças que passa a ser exaltada como elemento unificador.” Assim, alguns intelectuais passaram a refletir sobre como poderiam encontrar a autenticidade da identidade brasileira.

Gilberto Freyre consegue com sua escrita de *Casa Grande e Senzala* transformar a negatividade que era destinada aos mestiços em uma identidade nacional, na qual a obra faz com que os mestiços brasileiros pensem neles de forma positiva sem se voltar às ambiguidades de origem racista que eram propagadas. Seyferth (2015, p.15), opina sobre a obra esclarecendo que “[...] ainda que não haja um discurso sobre inferioridade racial, há um discurso sobre inferioridade e superioridade cultural”.

A partir do curso “Pensamento Social no Brasil” ministrado por Giralda Seyferth (2015, p.10), que alguns alunos tiveram acesso e conhecimento sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com isso criou-se “[...] um olhar para a história, evocando um passado e ao mesmo tempo pensando também o Brasil do presente e imaginando o que poderia ser o “país do futuro””. Dessa forma, os estudantes puderam observar a verdadeira construção da nação. Seyferth (2015) também mostra a contradição entre alguns autores do século XIX, a exemplo de Joaquim Nabuco, que enquanto defendia que o Brasil se estabeleceu através da mão de obra negra, também falava que seria necessária a presença de imigrantes para branquear a sociedade brasileira, defendendo assim o branqueamento. Perdigão Malheiro também contribuiu nessa dualidade, pois em seus textos defendia que a sociedade brasileira só iria prosperar após o fim da escravidão, mas em contrapartida mostrou-se contra a lei do ventre livre, já que acreditava que isso iria quebrar a economia do país.

Já no início do século XX, alguns autores se baseiam no ideal de raça para escrever e opinam a respeito. Seyferth (2015, p.14), contribuem descrevendo que “[...] a escravidão forçada de milhões de negros resultou em uma série de efeitos morais e sociais nefastos para a formação de uma raça/nação [...]”. São marcas como essa que marcaram a história brasileira e a construção da identidade e das noções de raça, com isso as autoras supracitadas também afirma que “o Brasil não

tem raça mestiça, porque mestiço não é raça, esse é o problema: ele deve ser transformado em raça para ser viável”.

Segundo Schwarcz (1998, p. 282), Florestan Fernandes conseguiu perceber na sociedade brasileira que era posto uma nova forma de racismo, na qual quem praticava, quanto quem sofria eram julgados, o chamado “[...] preconceito de afirmar o preconceito”. As diversas formas de racismo que se faziam e ainda fazem presentes na sociedade mostra que mesmo após tantas lutas e tentativas de mudanças de pensamentos, as pessoas ainda tentam justificar suas atitudes, segundo Munanga (2003), “[...] o racismo nasce quando faz-se intervir caracteres biológicos como justificativas de tal ou tal comportamento. [...] pensando na hierarquização das chamadas raças superiores e inferiores”.

Dessa forma, torna-se necessário o conhecimento sobre o processo da construção da identidade brasileira, visto que o processo histórico não foi homogêneo, mas sim baseado em inúmeras formas de racismo, com isso, julgamos preciso apresentar e discutir os conceitos de identidade, com destaque para a identidade negra e de maneira mais específica, a identidade da mulher negra, a fim de embasar melhor os tópicos que foram abordados a seguir.

3.2. O CONCEITO DE IDENTIDADE

O conceito de identidade ao longo da história passou por inúmeras subdivisões, já que é multifacetado e abrangente aos grupos sociais, políticos e acadêmicos que buscam defini-lo. Com o passar dos anos foi possível observar que a identidade foi pauta de discussão, ao qual vários teóricos e pesquisadores deixaram suas contribuições a respeito desse objeto de estudo.

Desta feita, ao falar em identidade é preciso ter em conta que as identidades modernas estão sendo "descentradas", mudando-se os quadros de referência e surgindo “novas” identidades, as quais podem assumir formas contraditórias ou não resolvidas (HALL, 1998). Sendo assim, essas novas identidades são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, de modo que são definidas historicamente e não biologicamente.

Assim, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente, de modo que estas identidades não são mais unificadas ao redor de um "eu" coerente (Hall, 1998).

Ferreira (2000) mostra que a identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui. Através dela, o homem constrói "teorias pessoais" ou "mapas" sobre seu espaço físico, social e sobre si mesmo, passando tais "teorias" a lhe servirem de "guias" de referência para que possa localizar-se dentro de seu grupo social. Passando a considerar que a identidade não é um constructo fixo, Ferreira (2000) mostra que a identidade tem relação com a "individualidade" - referência em torno da qual o indivíduo se constrói; com a temporalidade - transforma-se ao longo do tempo; com a socialidade- só pode existir em um contexto social; com a historicidade – vista como configuração localizada historicamente, inserida dentro de um projeto e que permite ao indivíduo alcançar um sentido de autoria na sua forma particular de existir.

A identidade segundo Woodward (2009), se baseia na ideia do que o sujeito pode identificar-se da forma que desejar, sem ter que seguir tudo que o pensamento social deseja que ele apresente. Assim como, Hall (2006, apud Silva, 2021, p.174), descreve que a identidade pode ser vista através do conceito antiessencialista, no qual o próprio indivíduo irá desenvolver a partir do contexto vivenciado e das suas subjetividades. Sendo assim, levar em consideração tais noções sobre a identidade, sobre a fluidez que a engendra na contemporaneidade, viabiliza a percepção de categorias contextuais, retóricas e políticas, através de mecanismos de ordem simbólica e social, de modo que permite a análise dos processos de construção da identidade. Além de que, como reforça Hall (2001, p.13), "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia".

Por fim, é perceptível que a identidade se constrói diariamente a partir das vivências dos grupos sociais que permeiam a sociedade e esse processo de socialização se volta para a cultura a qual o indivíduo pertence e está entrelaçado. A vivência também exerce um papel fundamental na construção da identidade, já que contribui para moldar a forma como o indivíduo se reconhece e é reconhecido socialmente. Mesmo que nossas ações sigam determinadas normas sociais, a

identidade está presente, ainda que sua influência nem sempre seja visível de maneira explícita.

3.3. IDENTIDADE NEGRA

As concepções de negritude/identidade negra perpassam por momentos históricos importantes ao longo da história. De acordo com Seyferth (1989), os negros e mestiços eram pertencentes as classes inferiores da sociedade e não eram considerados nem como pessoa, mas como animais. Perante esses períodos formou-se pensamentos de que pessoas negras devem sempre servir e obedecer ordens, o que desde então afeta de forma negativa a nossa sociedade hodiernamente.

Por séculos foi comum inferiorizar as pessoas de “cor”, o que tornou a autodeclaração e compreensão dos indivíduos enquanto pessoas negras e pardas mais receosas e principalmente mais distantes do conhecimento em todos os âmbitos sociais. Ferreira (2000, p. 42) a cor de pele e as características das pessoas afrodescendentes os colocam em lugares de inferioridade na sociedade, no âmbito racial e também no econômico. A partir dessa realidade foi pensado que a teoria do branqueamento poderia ser favorável para os afrodescendentes conseguirem ascender socialmente, pois com a “limpeza” do sangue negro, seria possível a convivência, já que iria prevalecer apenas os indivíduos brancos.

Hall (1998, p.63), coloca que o corpo racializado e etnicizado é constituído discursivamente, onde raça em sua concepção é:

(...) uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.

O convívio social entre os indivíduos constrói aos poucos as noções de identidade. Essa proximidade ao longo dos anos não foi exercida de forma harmoniosa entre os indivíduos brancos e negros, já que as pessoas brancas se denominavam superiores aos negros por causa da cor da pele, alegando que eram

dotados de conhecimentos e que uma pessoa não branca nunca seria capaz de possuir. Dessa forma, o sujeito negro que ia contra as condições impostas acabava por perder traços da sua identidade no processo, assim como é afirmado por Souza (1983, p.18), “o negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade”.

Com o passar do tempo, mesmo vivendo em uma sociedade que defendia a democracia racial, o Brasil após ser o último país cristão a abolir a escravidão se encobre com essa ideia utópica de que as relações sociais eram racialmente harmoniosas. A identidade negra não se desenvolveu positivamente, pois foram reafirmados estereótipos que serviam de base para o preconceito e o racismo contra as pessoas negras, assim como contribui Nogueira (2006, p. 296): “assim, no Brasil, a intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides; e tal preconceito não é incompatível com os mais fortes laços de amizade ou com manifestações incontestáveis de solidariedade e simpatia”.

Se a convivência já não era agradável, poucas pessoas se identificavam enquanto pessoas pretas, pois essas características fenotípicas eram a todo momento desrespeitosas. O desenvolvimento da identidade do brasileiro segundo as contribuições de Ferreira (2000, p, 41) se desenvolve a partir da ligação e interação dos africanos na sociedade, através das ricas e diversas formas de manifestações culturais.

A identidade negra segundo Souza, (1991, apud Ferreira, 2000, p.41), “traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho”. Isso acontece, pois quando o Brasil foi colonizado tudo que era de origem africana foi demonizado e imposto como errado, já que só era aceito os princípios e valores cristãos.

Assim como também leva-se aqui em consideração o que está posto por Farias (2018, p.33), que afirma a identidade negra como um construto social, já que “muda segundo a forma pela qual o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida [...]”. Em acréscimo das perspectivas sobre a identidade negra, é possível observar que as pessoas negras são desfavorecidas, uma vez que a sociedade brasileira é extremamente preconceituosa, racista e que na atualidade passam muitas vezes por situações de discriminação racial.

Ao explorar suas diversas dimensões culturais, históricas e sociais, podemos entender melhor não apenas o que significa ser negro, mas também como essas identidades moldam e são moldadas pelo mundo ao nosso redor. A exemplo de Nogueira (2006), que compara a situação racial no Brasil e Estados Unidos e descreve que ocorre muitos pontos de comunhão, mas também certas diferenças, principalmente no reconhecimento do preconceito racial dentro do país:

Nos Estados Unidos, ao contrário, as restrições impostas ao grupo negro, em geral, se mantêm, independentemente de condições pessoais como a instrução, a ocupação etc. Tanto a um negro portador de PhD (doutor em filosofia, título altamente respeitado naquele país) como a um operário, será vedado residir fora da área de segregação, recorrer a certos hospitais, freqüentar certas casas de diversões, permanecer em certas salas de espera, em estações, aeroportos etc.

Em suma, a identidade negra é um conceito dinâmico que encapsula não apenas a identidade racial, mas também as lutas, conquistas e contribuições das comunidades negras para a humanidade. De acordo com Souza (1983, p. 77) “Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

3.4. IDENTIDADE DA MULHER NEGRA

Historicamente a mulher sofreu inúmeras rotulações e imposições do que era esperado do seu papel na sociedade, considerado o “sexo frágil” e diariamente posta como submissa ao homem. Segundo Faria e Nobre (2013, p.14) o conceito de gênero inicialmente “[...] vê um em relação ao outro e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens sobre as mulheres”. A partir disso, as mulheres buscaram visibilidade e mais valorização, visto que eram impostas aos cuidados domésticos e familiares, respeitando as vontades dos homens.

Nessa perspectiva, a mulher torna-se cada vez mais um objeto de estudo, mas faz-se necessário buscar novas formas de se enxergar a mulher na sociedade e principalmente após tantas conquistas de espaço e poder no “torna-se mulher” de forma forte, depois de muitas batalhas e conquistas. Além de mulher, torna-se

importante remeter-se a um estudo do que é ser mulher e negra na sociedade brasileira que segundo Souza (1983, p.17-18) é:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas, é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Com um levantamento histórico sobre a presença das mulheres negras na sociedade brasileira é possível observar que a desigualdade e principalmente a escravidão eram constantes na vivência e no cotidiano delas. Ser mulher nunca foi fácil em um país machista e o peso de ser mulher negra, é equivalente a carregar uma dupla forma de opressão, Sueli Carneiro (2001, p.33) aborda como a desigualdade de gênero e de raça são dois fatores que pensam na luta da mulher negra:

[...] dupla militância, que se impõe às mulheres negras como forma de assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas pelas persistências das desigualdades de gênero, e para que as conquistas dos movimentos feministas não privilegiem apenas as mulheres brancas.

A mulher negra na sociedade sempre sofreu com as desigualdades impostas, através da contribuição de Silva (2021, p.174), podemos observar e reafirmar que em qualquer aspecto social elas são inferiorizadas:

[...] As Mulheres Negras e homens negros são posicionados na sociedade, ou seja, se pela temática da desigualdade, mulheres e jovens negras assumem a base da pirâmide social, pela temática de identidade o grupo assume um espaço evidente [...].

Ao longo dos anos muita coisa mudou, mas a questão da identidade da mulher negra ainda não se apresenta de forma que seja tão significativa, pois as violências de todas as formas ainda continuam acontecendo, as formas de preconceito e racismo também, mas no aspecto da identidade se é perceptível que mais mulheres estão se autodeclarando negras ou pardas. De acordo com o censo realizado no ano de 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que

mais de 55 milhões de mulheres declararam sua cor. Um avanço significativo, pois era muito comum na sociedade que as pessoas negras, e especificamente as mulheres, adotassem os costumes dos brancos, já que era a única forma de serem consideradas pessoas, o que pode ser reafirmada por Souza (1983, p.27), “Assim é que para afirmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referencial.”

Ser mulher negra na época que Carolina e Conceição escrevem era um desafio, já que não tinham espaços sociais de fala e muito menos de escrita, assim como descreve Silva, (2018, p.59):

As experiências historicamente diferenciadas das mulheres negras foram ignoradas pela literatura dominante sobre a opressão da mulher, tampouco produziram avaliações acerca dos efeitos destas experiências com a opressão na identidade feminina das mulheres negras.

Mesmo com dificuldades, elas conseguiram através de suas resistências e escrevivências unir uma realidade coletiva e individual de seu povo negro e principalmente da mulher negra na sociedade brasileira e descrever com precisão sobre o que as incomodavam. Segundo Weschenfelder e Fabris (2019, p.8) “Por compartilharem trajetórias e/ou experiências semelhantes, as mulheres negras identificam-se umas com as outras e se tornam referência para as demais nos processos de reelaboração de si mesmas.”

As duas foram e são mulheres de referência no Brasil e também no exterior, por lutarem bravamente, mesmo que em péssimas condições de trabalho e vida, em busca de um lugar representativo para as pessoas e mulheres negras, assim como descreve Weschenfelder e Fabris (2019, p.8) “A produção de novas discursividades sobre o negro, a mulher e, especialmente, a mulher negra no Brasil, tem contribuído para que novos processos de identificação com a cultura negra sejam possíveis.”

A partir dessa perspectiva, as condições impostas à identidade das mulheres negras hodiernamente ocorrem de maneira coletiva, mas também individual, pois não se trata apenas da história de uma única pessoa que possui experiência individual e sim de vivências muitas vezes coletivas que vai se reafirmando de geração em geração. Com isso, é necessário que:

[...] a tomada de consciência ocorra coletivamente, é delimitado pelas nossas atividades diárias, é, na verdade, ilimitado, na medida em que decorre da responsabilidade de cada uma de nós com o crescimento coletivo das mulheres negras (Silva, 2028, p.61).

Dessa forma, a busca de melhores condições de vida é permanente, além do desejo de que as crianças e jovens, que são futuras mulheres negras, possam conviver em uma sociedade menos machista e racista, para que suas identidades negras possam se desenvolver sem novos empecilhos sociais.

A atuação de Carolina e Conceição demonstra que as duas se empenharam fortemente para serem as próprias protagonistas de suas histórias, o que tornar-se um aquilombamento social e literário a partir de suas obras aqui analisadas:

[...] as mulheres negras desenvolveram e desenvolvem suas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que se projetam novos horizontes. Estratégias que deviam e devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação (Werneck, 2009, p.83)

Assim como também descreve (Silva, 2013, p.46):

Nesse sentido, as mulheres negras buscam o direito de protagonizar sua luta, sobretudo o direito de falar de si e por si, legitimado por suas experiências, não apenas, as experiências de sofrimentos, de dores, de discriminação, mas também as experiências de luta e de resistência com estratégias organizadas desenvolvidas ao longo de sua trajetória.

A contribuição de Silva (2013), se encaixa também com os apontamentos de Werneck(2009), já que as duas descrevem como as mulheres negras trazem suas trajetórias para o real processo de vivência coletiva e de fortalecimento da cultura/ literatura da mulher negra perpassando pelo aquilombamento, da mesma forma que Carolina e Conceição sempre o fizeram através de suas vidas e de suas obras.

4. ESCREVER PARA EXISTIR: O LUGAR DA MULHER NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO E PONCIÁ VICÊNCIO

A escrita de muitas mulheres negras tornou-se um instrumento de denúncia, sobrevivência e principalmente de afirmação identitária ao longo dos anos. Neste capítulo iremos dar ênfase ao lugar reservado para as mulheres negras que estão representadas nas obras analisadas e também na expressão de que as experiências vivenciadas por elas são plurais, por fazer parte da realidade das demais mulheres negras do Brasil, entendendo-se aí que a identidade da mulher negra, esta também, não deve ser entendida como essencializada, há que se falar, então, em mulher(es) negra(s) .

A análise comparativa busca demonstrar os pontos de comunhão entre as duas obras, na abordagem da vida dessas mulheres, já que apresentam protagonistas cujas trajetórias perpassam pela marginalização, desigualdade social e pelo racismo. Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus ao escreverem *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), respectivamente, descrevem a realidade vivenciada, as formas de resistência e também de reexistência, com isso, buscam através da escrita ocupar um lugar na história e no ambiente literário brasileiro, lugar esse que, historicamente foi negado às mulheres negras.

4.1 “A VOZ DA EXPERIÊNCIA”: ESCRITA LITERÁRIA COMO EXPRESSÃO DAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS

Os títulos das obras *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* e *Ponciá Vicêncio*, anunciam o espaço social ocupado por Carolina e Ponciá Vicêncio (essa a protagonista de Conceição Evaristo), de modo que entende-se nesta análise ser o aspecto central da narrativa os nomes dados às obras.

A escrita de Carolina trata-se de um diário pessoal, uma narrativa autobiográfica que por sua riqueza literária e documental tornou-se um dos livros mais vendidos e traduzidos no mundo. O título *Quarto de Despejo: diário de uma*

favelada, confirma a condição vivenciada por Carolina e seus filhos de moradores da favela, como também ao afirmar que é um diário, confirma que a própria autora sofreu tudo o que está na obra. Biziak (2021, p.297), aborda que é o “[...] quarto onde se despejam as memórias, vozes e sujeitos que, se não articulados por outros, não encontram possibilidades de leitura e escuta”.

Carolina retrata a favela como um ambiente de violência e também de abandono político, em “27 de dezembro- [...] a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (Jesus, 2020, p.137). Com esse trecho da obra é possível explicar não apenas o título, mas também a condição de favelada e de consciência de classe, sendo confirmado por Dantas (2005, p. 19, apud Silva e Barbosa, 2018, p.313), que a escrita de Carolina, “repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela”.

A escrita de Conceição, na obra analisada, é uma narrativa ficcional, um romance, mas que não anula a representação da vivência da mulher negra na sociedade brasileira, pois mesmo descrevendo sobre uma personagem, Conceição, insere na obra *Ponciá Vicêncio* as experiências vivenciadas por outras mulheres negras e consequentemente por ela mesma, conseguindo construir uma ficção que é repleta de representação da memória e resistência. Tal proximidade de Conceição e Ponciá é tão visível que a autora revelou:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitura ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (Evaristo, 2017, p.7-8).

Segundo Silva e Cardoso (2018,p.59), “as memórias de Ponciá e da autora se entrelaçam e compõem uma identidade histórica feminina negra, que busca ardorosamente compreender de que maneira é construído seu passado e a herança na narrativa [...]”. Além de ser o nome da protagonista, Ponciá é também o título da obra, com isso, as dores e vivências se apresentam em dualidade, Evaristo (2017, p.27), descreve que “Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono.” Já o sobrenome Vicêncio advinha do seu avô, do bisavô e consequentemente de uma

herança de escravidão. Ao longo da obra, inclusive, é narrado em inúmeros momentos que ela não gostava de seu nome e sobrenome:

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo em Ponciá. Às vezes no exercício de auto flagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô [...] Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal de coronel Vicêncio (Evaristo, 2017, p.26-27).

Ambas as obras perpassam pelo conceito de escrevivência, mesmo Ponciá sendo uma personagem ficcional, ela carrega consigo as dores e condições de outras mulheres negras, assim como Carolina que descreve e vivência consigo as marcas da história real das mulheres negras no Brasil.

4.2. LUGARES DE MORADIA: A FAVELA E O SÍTIO/PERIFERIA URBANA

Ao longo deste trabalho foi perceptível que o lugar reservado às mulheres negras na sociedade brasileira sempre perpassou por inúmeras e distintas desigualdades e preconceito. Segundo Coronel (2014, p.273), “Carolina reelabora a dor sentida por meio das palavras, que canalizam para a página o sofrimento, cristalizando-o além de si e do barraco que abriga a cena”. Com isso, através do contexto vivenciado no dia a dia, as autoras Carolina e Conceição utilizam de suas narrativas para descrever a realidade por meio da literatura.

Carolina narra sua vivência em primeira pessoa, descreve suas revoltas e indignações com o ambiente em que convive, dessa forma vai afirmando sua voz e escrita como marginalizada e pobre. Moradora da favela do Canindé não se sente satisfeita com o barraco em que reside, com isso, sonha em um dia proporcionar condições melhores de vida para si e seus filhos:

19 de Julho [...] Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola (Jesus, 2020, p.26).

Silva e Barbosa (2018, p.321), descrevem que “Quem tem poder aquisitivo mora na cidade, ou, como denomina a autora, na ‘sala de estar’, enquanto quem não dispõe de recursos mora em lugares à margem dessa sociedade (capitalista), na periferia [...]”. Carolina relata inúmeras vezes a favela como um lugar esquecido pelos políticos que deveriam representá-los e assim buscar políticas públicas que sanasse essas dificuldades sociais:

8 DE AGOSTO Saí de casa as 8 horas. Parei na banca de jornais para ler as notícias principais. A Polícia ainda não prendeu o Promessinha. O bandido insensato porque a sua idade não lhe permite conhecer as regras do bom viver. Promessinha é da favela Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo (Jesus, 2020, p.100).

O lugar de vivência de Ponciá, iniciou-se no sítio, especificamente nas terras dos brancos, que seu pai e irmão trabalhavam. Durante a narrativa, ela descreve como ocorreu o processo de “doação” das terras para que as pessoas negras pudessem trabalhar:

Tempos e tempos atrás quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que tivesse ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertadas dos antigos donos que alegavam ser presentes de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuasse todos a trabalhar nas terras de coronel Vicêncio (Evaristo, 2017, p.42).

E posteriormente, também narra o momento em que algumas pessoas negras perderam os documentos que validavam aquelas terras como cedidas para que os negros trabalhassem:

Desde pequena, ouvia dizer, também, que as terras que o primeiro coronel Vincenzo tinha dado para os negros, como presente de libertação, eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o coronel lhes do as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que, um dia, o próprio doador se ofereceu para guardar assinatura-doação. Ele dizia que, na casa

dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos, desde os passados tempos (Evaristo, 2017, p.53-54).

O poder que as pessoas brancas tinham e ainda exercem sobre as pessoas negras dentro da sociedade brasileira é marcado por episódios como esse. Inicialmente são abordados como possuidores de extrema bondade, mas com o passar do tempo mostram que ainda pretendem manter uma escala de poder. Em Ponciá, a moradia no meio rural carregou as dores da ancestralidade de seus antepassados, que também obedeceram, mesmo que forçadamente, aos brancos que eram donos de tudo e não apenas das terras, como deles também. Assim, ressaltando apenas que “Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida”. (Evaristo, 2017, p. 70).

Com o passar dos anos, ela migra para a área urbana em busca de autonomia, contudo essa transição não faz com que mude ou ascenda socialmente, pois o deslocamento em busca de melhores condições de moradia e de vida, reafirma que o espaço social reservado às pessoas negras sempre perpassa pela subalternidade. Na primeira noite na cidade ela dormiu na porta de uma igreja, já que não tinha dinheiro, comida e nem sabia para onde ir. Na manhã seguinte começou a perguntar às senhoras que vinham para a Igreja se não estavam precisando de alguém para trabalhar ou conheciam outra pessoa necessitada. Dessa forma, as esperanças que ela trouxe para a cidade iam desaparecendo, mas com o passar dos anos, “acostumada a poucas coisas, Ponciá Vicêncio ia trabalhando e juntando dinheiro para comprar um barraco” (Evaristo, 2017, p.40). Com isso, anos mais tarde, após trabalhar muito, ela conseguiu comprar um quarto dentro da zona periférica da cidade.

Mesmo na vida adulta a sua moradia ainda não é digna, pois o relato da moradia era que:

Ponciá Vicêncio deitou na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia (Evaristo, 2017, p.29).

Nos momentos de consciência, ela retornava a observar o local em que estava e sempre expressava seus questionamentos sobre a atual situação de vida e em alguns momentos a inquietação por permanecer na miséria:

Alguns saíram da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesmo havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. [...] Vai ser crescer viver para quê? (Evaristo, 2017, p.70-71).

Esses deslocamentos de Ponciá e Conceição nos fazem refletir que as mesmas não se sentiam pertencentes ao convívio social e, dessa forma, a experiência de outras mulheres negras também se torna comum a todas, já que também compartilham desses pensamentos, utilizando assim da escrevivência.

Além da representação de Carolina e Conceição sobre os lugares vivenciados fazer uma grande referência aos espaços geográficos e as condições impostas aos negros no Brasil, pois sempre foram acostumados com poucas coisas ou nada e também com o pensamento de que sempre uma pessoa negra, em específico, uma mulher, só poderia mudar um pouco da sua realidade através de muito esforço e trabalho, enquanto as pessoas brancas já nasciam com inúmeros privilégios.

4.3. HERANÇA E MATERNIDADE: A CONTINUIDADE DA DOR E DA LUTA

Na fala e escrita de Carolina a maternidade fez com que muitas vezes ela se mantivesse sã para cuidar dos seus filhos, pois eram uma espécie de combustível para enfrentar a luta diária, as condições desumanas de sobrevivência e tudo isso, sendo mãe solteira e única responsável pelo sustento familiar.

Os inúmeros dias de fome relatados por Carolina são angustiantes, no qual descreve a maternidade negra como mais uma forma de resistência, já que alimentos advindos do lixo foram muitas vezes o prato principal dela e de seus três filhos, que ainda eram crianças:

30 de Maio- [...] ...O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele

provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer (Jesus, 2020, p.49).

Além da falta de alimentos, ela também descreve como é difícil conseguir juntar dinheiro, pois sempre seus filhos estavam precisando de algo, a exemplo de roupas e calçados. Como não tinha condições de comprar coisas novas, ficava angustiada ao ponto de se questionar se enquanto mãe, ela estava cumprindo seu papel:

16 de julho- [...] Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça (Jesus, 2020, p.20).

Essas e outras reflexões de Carolina tornaram-se uma mostragem a respeito de como algumas mulheres negras lutaram e conseqüentemente ainda lutam diariamente contra o sistema para conseguir manter o mínimo de alimentos possíveis dentro de cada lar. Tudo isso reflete as condições desumanas vivenciadas e a falta de um olhar da classe política perante tamanhas desigualdades, com isso é abordado em seu livro Jesus (2017, p.35), “10 de Maio- [...] ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”.

Na trajetória de Ponciá Vicêncio, a maternidade foi bem diferente de Conceição, pois nenhum filho dela sobreviveu por muito tempo, mesmo após muitas tentativas e mais de seis gestações. Com isso, é apresentado o sentimento de perda, luto e sofrimento:

Na manhã quase desperta, não muito longe dali, o choro de fome ou frio de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem porque eles haviam morrido. Os cinco primeiros ela tivera em casa com a partilha Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês, tão sacudidinhos mas que não vingavam nunca. Os dois últimos ela tiveram no hospital. Os médicos disseram que eles morriam por causa de uma complicação de sangue. Depois dos sete, ela nunca mais engravidou (Evaristo, 2017, p.45-46)

Segundo Santos (2018, p.18), “A ausência dessa maternidade aumenta ainda mais a tristeza da protagonista, que se fecha cada vez mais em seu mundo e a cada

dia fala menos”. Entretanto, o sentimento de conforto ao ter noção de que os filhos não seriam herdeiros de uma herança de marginalização e miséria, foi confirmado como aliviador de muitos momentos em que Ponciá estava alheia em seus pensamentos:

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, concorrer do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição da mesma vida para os seus filhos (Evaristo, 2017, p.70).

A solidão vivenciada por ela e pelos seus que ela carregava consigo em sua mente e por toda sua ancestralidade, fazia com que sentisse falta cada vez mais de sua família, principalmente da mãe e do irmão. Mesmo fazendo parte de uma nova família que construira com seu homem, a angústia por não estar perto dos seus foi relatada inúmeras vezes e junto dela vinham os questionamentos de revolta, inquietação e principalmente a falta de esperança de um dia encontrá-los novamente. O que fazia ela ainda aguardar mais um pouco era a herança que a mesma carregava consigo:

Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus. Voltara à terra na esperança de encontrar qualquer vestígio da mãe e do irmão e apenas confirmara o sumiço dos dois. O que fazer agora? Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco? Quem ela levaria ali para dentro? Que pessoas vivas ou mortas? [...] Era de Vô Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do Barro. Ficou por alguns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. Ouviu murmúrios, lamentos e risos...Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato com os mortos. E era sinal de que encontraria a mãe e o irmão vivos (Evaristo, 2017, p.64-65).

Desde o nascimento de Ponciá todos diziam que a mesma carregava consigo uma herança deixada pelo Vô Vicêncio, mas ninguém descrevia qual era a herança e nem quando ela iria se fazer presente em sua vida. Mesmo sem saber como e quando, ela conseguia sentir e ver o próprio vazio que carregava e suas ausências eram parte da sua trajetória de vida como pode ser expressada a partir do trecho de

Evaristo (2017, p.55), “[...] por muitas vezes sentiu o vazio, a ausência de si própria. Caía meio morta, desfalecida, vivendo, rém, o mundo ao redor, mas não se situando, não se situando”. Dessa forma, segundo Santos e Frazão (2016, p. 359), “o passado corresponde à herança já situada desde a infância, quando, por sua vez, esse retorno acontece a partir do tempo presente, o qual Ponciá se encontrava em um estado de completa ausência”.

Através do barro, ela conseguia perpetuar a ancestralidade dos seus que foram por séculos escravizados, como nos mostram as contribuições de Silva (2011, p.170), “[...] os lamentos que parecem vir da estátua do avô servem-lhe de sinal de que, embora no presente separada dos seus, mantém ainda contato com eles e os reencontrará no futuro”. Com isso, a herança de Ponciá é mantida por esse sustentamento de que a mulher negra é uma guardiã da memória de um povo e da sobrevivência do mesmo, assim como em Carolina que era responsável pelo sustento dos próprios filhos e também sobre as condições vividas que foram uma expressão de como as pessoas negras foram tratadas ao longo dos séculos no Brasil, baseado na subalternidade.

4.4. A IDENTIDADE NEGRA COMO RESISTÊNCIA

A identidade negra é constantemente reafirmada por Carolina, no dia a dia ela contribui descrevendo as formas de silenciamento que sofre ao ser moradora de favela e principalmente sendo uma mulher negra na sociedade brasileira. Com isso, o silenciamento imposto às pessoas negras é quebrado por ela, quando a mesma denuncia as péssimas condições de vida em que reside e não apenas ela, mas também toda uma população que é considerada inferior.

Em seus relatos Carolina se mostra como pensadora social e crítica, pois narra as formas de preconceito e racismo que enxerga. Ela descreve a sua identidade negra com orgulho:

16 de Junho [...] Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2020, p.64).

Mesmo sem ter o conhecimento sobre o empoderamento negro, Carolina fala com orgulho da sua cor, do seu cabelo e ainda reafirma que gostaria de nascer novamente com a mesma cor. Em outros momentos, mesmo tratando sobre a alimentação ela chega a comparar a cor do feijão com a vida em que estão inseridos, “23 de Maio- [...] Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia”. (Jesus, 2020, p. 46).

O orgulho da cor faz com que muitas pessoas queiram diminuir e colocá-la em situação de inferioridade, mas para isso também Carolina tem uma resposta que contempla a sua consciência sobre a sociedade e principalmente sobre as noções de obediência aos brancos que não deveriam existir na sociedade brasileira, assim como faz questionamentos a respeito da sua inquietação sobre como os padrões sociais deveriam ser questionados e não apenas seguidos, já que as pessoas brancas e negras são dotadas das mesmas capacidades e condições, não existindo assim uma raça superior:

16 de Junho - [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (Jesus, 2020, p.64)

O processo de construção da identidade de Ponciá ocorre de maneira diferente, já que a protagonista não se identifica com o nome que recebe, sendo esse o primeiro processo identitário, pois o nome é a primeira coisa que recebemos antes mesmo de nascer. Ponciá não entendia de onde havia surgido seu nome e o considerava vazio de sentido, já o sobrenome Vicêncio ela sabia a origem e ainda o recusava mais ainda, pois era uma das formas de marcar que seus ancestrais foram escravizados e que por isso, todos que ali nascessem iriam também pertencer à mesma família do Coronel Vicêncio:

Quando mais nova, sonhar até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Molenga, Quietos; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome.

Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (Evaristo, 2017, p.18).

A identidade negra é apresentada em toda a obra expressão de outras identidades que foram silenciadas e apagadas, através da subjetividade de cada um é que o conceito de escrevivência da mesma autora é reafirmada pelo trecho de Evaristo (2017, p.111), “Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio”.

Dessa forma, Carolina e Conceição resistem mesmo perante as violências sociais e assim, denunciam um sistema de opressão e racismo em que estão inseridas, assim como seus ancestrais também sofreram. Utilizando da escrita para reafirmar suas identidades, ou a falta delas, a marginalização e a memória coletiva e pessoal atravessadas pela luta em busca da dignidade, construindo suas identidades com o auxílio da afirmação da existência negra em espaços que historicamente foram e ainda são apagados.

4.5. CASAMENTO, OPRESSÃO E SONHOS

A condição da mulher negra dentro do casamento em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, perpassa pelas inúmeras vezes que Carolina revelou que preferia sua escrita ao invés de um casamento onde poderia sofrer agressões físicas.

Dessa forma, Carolina criou sozinha seus três filhos através de muito esforço e resistência. Ela percebia que dentro dos casamentos das pessoas que moravam na favela do Canindé, as mulheres eram oprimidas e não podiam se expressar livremente, pois sempre eram silenciadas pelos maridos e postas apenas como objeto que deveria proporcionar prazer ao seu homem e cuidar da casa e dos filhos, enquanto eles bebiam e chegavam em casa por muitas vezes bêbados, quebrando os restos de móveis e descontando suas frustrações nas mulheres. Com isso, Silva e Barbosa (2018, p.320), descrevem que “Carolina Maria de Jesus rompe com esses dizeres convencionados pela sociedade, por ser mãe, mas não ter marido, e por ela mesma ter de trabalhar e sustentar os filhos – papel, que naquele momento sóciohistórico, era visto como próprio ao homem”.

Sem querer que essa realidade para ela e seus filhos, permaneceu sem se casar durante sua vida. A sua aversão ao álcool era tão visível que até seu filho relatava que não gostaria de beber quando fosse adulto:

19 de julho [...] Os meus filhos reprovam o álcool. O meu filho João José diz: —Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem rádio, não faz uma casa de tijolo (Jesus, 2020, p.27)

Em muitos casamentos observados por Carolina, as mulheres passam por uma solidão diária, na qual ao invés de estarem felizes e acompanhadas dos seus homens, viviam mais solitárias e impostas as condições de submissão. Coronel (2014, p.285), aborda que “Carolina Maria de Jesus foi uma mulher livre, que não se sujeitou a maridos ou a quaisquer autoridades”. Com isso, ela preferia ouvir as valsas vienenses do que estar na pele das mulheres casadas:

18 de Julho- [...] A noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as taboas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.
Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (Jesus, 2020, p. 23).

Mesmo não desejando se casar um dia, Carolina era uma mulher de muitos outros sonhos e um dos seus principais objetivos era conseguir proporcionar uma vida melhor para seus filhos, sendo justificado por Coronel (2014, p.280), uma das vontades dela almejar a saída da favela “Isso porque ao longo de séculos a educação buscou fazer mulheres adaptadas a suas tarefas “naturais” – esposas, mães, donas de casa”.

Sair da favela do Canindé e morar em uma casa de tijolos, em um ambiente menos inóspito e mais acolhedor, que os filhos não precisassem presenciar tanto violência, nem passar fome e ainda que conseguissem dormir tranquilos sem pensar no que iriam comer no outro dia, assim como descrito no trecho, Jesus (2020, p.174), “13 de Agosto- [...]. Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos”.

Em outros momentos Carolina também descreve seu desgosto de morar na favela por conta das péssimas condições, mas isso tudo era posto de lado quando sonhava em andar com roupas limpas e boas.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, Conceição descreve que o casamento de Ponciá era marcado por inúmeras violências, chegando até a física. Com isso, a vivência dela mostra-se diferente em comparação a Carolina, assim, as duas obras contemplam fielmente os dois lados da sociedade brasileira. Quando uma mulher permanece solteira aconselham que ela procure um esposo para ter mais segurança, mas quando está casada a realidade é diferente, alegam que ninguém deve se intrometer nas brigas e discussões dos casais.

Dessa forma, Ponciá passa pela condição social da mulher negra dentro do casamento, que é constantemente agredida, como pode ser visto no Atlas da Violência de 2024, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), onde é expressado por meio de dados de pesquisa que os níveis de agressões contra as mulheres incidem mais sobre as mulheres negras, já que:

Em 2022, a vitimização de pessoas negras – soma de pretos e pardos – em registros de homicídios correspondeu a 76,5% do total de homicídios registrados no país. Totalizando 35.531 vítimas (conforme apontado na Tabela 6.1), o que corresponde à taxa de 29,7 homicídios para cada 100 mil habitantes desse grupo populacional (ver Tabela 6.2). Em relação às pessoas não negras – isto é: brancas, indígenas e amarelas – a taxa de homicídio em 2022 era de 10,8, com 10.209 homicídios em números absolutos (Tabelas 6.4 e 6.3, respectivamente). Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, em média, para cada pessoa não negra assassinada no Brasil, 2,8 negros são mortos. Esse cenário de grande discrepância no perfil racial de pessoas vítimas de violência, infelizmente, não é novidade no contexto brasileiro (Atlas da violência, 2024, p.52).

Assim, esse contexto social brasileiro das vítimas de violência mostra que a escrita de Conceição Evaristo, sempre atual como é possível perceber pelo colocado acima, perpassa pela escrevivência e com isso descreve a realidade vivenciada, infelizmente, por inúmeras mulheres. Com isso, ela descreve que Ponciá sente-se solitária, mesmo casada, ela e outras mulheres negras passam por um processo de desrespeito haja vista o que os dados sobre violência doméstica mostram:

Ao ver a mulher tão alheia teve desejo de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela

devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo o homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2017, p.19).

Em outros momentos Ponciá também sofre mais agressões físicas, por estar sempre pensando e lembrando-se das vivências de sua infância, de quando chegou na cidade cheia de sonhos, da sua mãe e do irmão que não sabia por onde eles estavam e também do Vô Vicêncio que ela recordava constantemente, mesmo ele tendo falecido quando ela ainda era criança de colo. O casamento dela não era amoroso, muito pelo contrário, ela sofria muita opressão e se questionava o que ainda estava fazendo ali, mas não demonstrava força para sair daquela situação:

Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos-lembranças, levantou endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi ele vagorosamente arrumar a comida. Olhou para ele que havia se assentado na cama imunda e sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. [...] O grito do homem reclamando pela lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio (Evaristo, 2017, p.22).

Nos momentos de lembranças de sua infância ela recordava que sonhava em ter uma família e muitos filhos, que quando observava o casamento dos pais percebia que a mulher mandava e um dia queria ser como a mãe, porém quando retornava percebia que a realidade era bem diferente, já que a mesma vivia infeliz, sofrendo agressão e sem perspectivas de uma vida melhor:

O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo o que ela quisesse e teria filhos também (Evaristo, 2017, p.25).

A vida que Ponciá Vicêncio levava era justamente o que Carolina em seu diário relatou que tinha medo, ser espancada, estar acompanhada e mesmo assim sentir-se sozinha. As duas obras refletem o peso da solidão da mulher negra e também através da escrivência narram a realidade de tantas outras mulheres. Além disso tudo o homem de Ponciá ainda bebia e mesmo quando não estava alterado sobre o efeito do álcool, utilizava de outras desculpas para lhe agredir:

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue escorrer pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. (Evaristo, 2017, p.82-83).

Outra forma de violência sofrida por Ponciá dentro de seu casamento era que a mesma já não sentia e nem sabia o que era prazer. Ao lado de seu homem nas setes gravidezes que teve, além de sentir a dor do luto, não podia partilhar com ele esse momento de tristeza, pois o mesmo bebia e ficava distante por um tempo, mas nunca perguntou o que ela sentia ou se ele podia ajudá-la, com isso era reafirmada a visão da mulher só servir para a procriação dos filhos e após isso eram relegadas ao abandono:

O homem de Ponciá Vicêncio se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio deslocada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho (Evaristo, 2017, p.46).

Ponciá ao sair do vilarejo em que residia possuía muitos sonhos de ter uma vida diferente da que levava, a esperança de morar na cidade, de não trabalhar para enriquecer apenas os coronéis, de conseguir juntar dinheiro e voltar para buscar a mãe e o irmão. O coração dela ditava e almejava um futuro de sucesso para a sua vida, mesmo quando decidiu mudar-se e algumas pessoas lhe contaram histórias de muitas outras que tentaram a vida na cidade e que não deu certo. Ela estava certa de que sua trajetória seria diferente e que junto da família teria um final feliz:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias (Evaristo, 2017, p.30)

A realidade a partir do momento em que pisou na cidade se mostrou diferente e ela pôde perceber que as suas esperanças não bastavam de fantasias ilusórias, que a vida na cidade não era diferente da vida no vilarejo, pois ainda se mantinha a ideia de que os negros eram subalternos e que conseguir um emprego era muito difícil. A vida da mulher negra na sociedade brasileira se mostra também na ficção com os mesmos desafios e com as péssimas condições apresentadas na realidade cotidiana, e isso está presente justamente na abordagem que Conceição faz sobre a vida da pessoa negra. A relação entre o casamento e o silenciamento entra em união ao apagamento dos sonhos, essa realidade vivenciada por ela adiou as expectativas de uma vida melhor.

Ponciá começou a se questionar sobre as suas expectativas de vida e o motivo de estar tão distante de realizá-las, assim como Evaristo (2017, p.30) descreve: “o que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia”.

Por muitas vezes ela mostrava a sua falta de esperança na realidade e agradecia pelos filhos terem nascidos mortos, pois do que adiantava viver naquela realidade com as condições impostas pela escravidão, se as chances de progredir socialmente eram nulas:

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viver o ideal quilombola? De que valera o esforço do Vô vicêncio? Ele, no ato de coragem-covardia, se rebelara, mataram uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (Evaristo, 2017, p.71-72)

Ponciá carregava em seu corpo e em sua trajetória de vida as marcas da ancestralidade, da violência sofrida e quando observava o homem ficava se questionando se ele estava feliz naquela situação, se para ele tudo aquilo que estava vivendo bastava, se a poeira da favela, a falta de alimentação bastava para a vida dele e às vezes percebia que ele, assim como ela, estava infeliz naquela realidade.

Com o passar do tempo ela começou a perceber que os homens de sua vida eram bem calados, seu pai e irmão passavam pouco tempo em casa, mas quando chegavam da fazenda dos brancos, ficavam a maior parte do tempo em silêncio. Atualmente o seu marido pouco conversava com ela, às vezes ela tinha vontade de perguntar como foi seu dia ou contar sobre alguma lembrança que teve da sua infância, mas percebia que ele e todos os homens que conhecia eram muito calados. Ao contrário, Carolina e Conceição utilizam da escrita para poder gritar sobre as desigualdades sociais.

Dessa forma, ambas as obras revelam o lugar social imposto à mulher negra: o da invisibilidade, da subalternidade e do silenciamento. A escrita que posteriormente tornou-se parte da literatura marginal/periférica e de resistência mostrou que a imagem da mulher negra pode e deve ser mostrada como sendo a de um sujeito histórico capaz de narrar sua própria existência, através de suas memórias coletivas e plurais, buscando libertação e identidade de todo um povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos séculos, a vida de mulheres negras não era valorizada nem respeitada. A escrita tornou-se uma forma de resistência, permitindo aliviar as opressões sofridas no dia a dia. Diante do racismo e do silenciamento de tantas vozes femininas, outras mulheres passaram a gritar por meio da palavra escrita, denunciando as violências e as condições que lhes foram impostas.

Com a análise das obras *Quarto de Despejo* e *Ponciá Vicêncio*, ficou evidenciado que a literatura produzida por mulheres negras no Brasil é um importante instrumento de denúncia, memória e construção de subjetividades. Nas duas obras, foi possível observar que o espaço de vivência, seja o barraco na favela ou o sítio/periferia urbana marcado pela violência estrutural, pode ser entendido como elemento fundamental para a constituição das personagens e de suas vozes.

As vozes plurais das mulheres relatadas e de tantas outras que vivem na sociedade brasileira, passando pelas mesmas ou piores situações, tem por base histórica as experiências ancestrais que carregam e sempre irão carregar consigo durante toda a vida.

Desde os títulos das obras até o conteúdo denunciado é possível perceber que o tema central perpassa pelas experiências femininas negras nas narrativas. O conceito de Conceição Evaristo a respeito da escrevivência descreve perfeitamente a escrita das duas autoras analisadas, assim é importante mencionar que o presente trabalho também foi escrito na perspectiva da escrevivência por parte desta pesquisadora. Assim, este trabalho de conclusão de curso não se trata apenas de uma produção acadêmica para a obtenção do título de graduação, mas também e especialmente ele representa um gesto de vivência e resistência.

Enquanto mulher negra e quilombola, pesquisar e escrever sobre a representação social da mulher negra na literatura brasileira é, para mim, um ato de afirmação identitária e de construção de memória. Minha escrita perpassa o conceito de representatividade, já que carrega marcas da minha própria trajetória. Assim, este estudo é também uma forma de inscrever a partir da minha voz, as vozes de outras mulheres negras que historicamente foram silenciadas fora e dentro do espaço acadêmico, contribuindo para a valorização das múltiplas experiências

ancestrais.

A perspectiva construída neste trabalho, a partir das vivências de exclusão e resistência, torna possível deslocar o leitor para um outro lugar de escuta: aquele em que, orgulhosamente, as vozes historicamente silenciadas se tornam protagonistas.

Assim, conclui-se que a literatura de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo ultrapassa os limites do testemunho e da ficção, pois além de denunciarem violências estruturais sofridas por mulheres negras, também reafirmam novas formas de existência, de narração e de presença no espaço literário brasileiro. Com isso, se confirma como instrumento político e literário de valorização da experiência da mulher negra na sociedade brasileira.

6. REFERÊNCIAS

Atlas da Violência 2024. Daniel Cerqueira; Samira Bueno (coord.). Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>>. Acesso em: 09 de maio de 2025.

BISPO, E. F.; LOPES, S. A. T. **Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo.** Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, jan./jun, p. 186-201, 2018.

BIZIAK, Jacob dos Santos. **Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus: gênero, autoria e discurso.** Aletria, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, 2021, p. 277-298.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFOBIA E GÊNERO, Durban, 2001. **Anais.** p.1-6. Disponível em:<<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

CORONEL, Luciana Paiva. **A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus.** Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, jul./dez. 2014, p.271-288.

_____. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de literatura brasileira contemporânea.** Brasília: n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/XBQZV7mPBWgsrxGtDz9QgLm/abstract/?lang=p>>. Acesso em: 18 de Janeiro de 2023.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo /** organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosa ;ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio.** 3. ed, Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Becos de Memória.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006.

_____. **Entrevista ao Estação Plural.** 2017. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06>>. Acesso em: 09 de março de 2025.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. 1997. **Cadernos Sempre Viva Gêneros e Desigualdade.** São Paulo: Sempre viva organização Feminista, 1997. Disponível em: <

<http://novo.ceseep.org.br/wp-content/uploads/2014/05/SUBS%C3%8DDIOS-PARA-UMA-DISCUSS%C3%83O-DE-G%C3%8ANERO.pdf> >. Acesso em: 02 de Abril de 2025.

FARIAS, Melânia Nóbrega Pereira. **Discutindo Trajetórias**: Etnicidade, Classe e Cotas na UEPB. Mauricius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

FERREIRA, N. B. **Quarto de Despejo**: Gênero e Autobiografia na Literatura de Carolina Maria de Jesus. Manaus: 2019. p. 1-83.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-Descendente**: Identidade em Construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FREITAS, Leidiana da Silva Lima; LOPES, Maria Suely de Oliveira. Um relato de si: a trajetória de Carolina Maria de Jesus através dos diários. **Revista Investigações**, Recife: v. 33, n. 1, p. 1 - 19, 2020.

GABRIEL, E. G. **A construção da identidade de Carolina Maria de Jesus por meio da literatura**. São Paulo: Centro Universitário Anhanguera, 2014, p.1-76.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico 2022: população e domicílios do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>>. Acesso em: 11 de abril de 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). São Paulo: Ática, 2020.

_____. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Companhia das Letras, n/d.

LEANDRO, Michel Luís da Cruz Ramos. **Autoria e Resistência**: Carolina Maria de Jesus em discurso. Ribeirão Preto: 2019.

LINS, L.; MOTTA I. Publicações e fortuna crítica. In: DUARTE, C. L.; ROSA, I. (org.). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MACHADO, B. A. **Memória, história e literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo**. 1. ed. Florianópolis: Seminário internacional fazendo gênero, 2013.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. (Re)Tecendo os Espaços de Ser: Sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo como Recurso Emancipatório do Povo Afro-Brasileiro. Simpósio 3: **Literatura em trânsito**: em viagem à casa do outro. Università del Salento. 2017. p.1285-1304.

MOTTA, Roberto. Etnia, Sincretismo e Desenvolvimento no Pensamento Social Brasileiro. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Etnia e Nação na América Latina**. Washington: Secretaria Geral da Organização dos Estados Unidos, Volume 2, 1996.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: PALESTRA PROFERIDA NO 3º SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB-RJ, 5 de novembro de 2003.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Sociologia**, v. 19, n.1. 2006.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de; MADURO, Priscila Semeão Silva. Escrita, anarquivamento e resistência em O espírito dos meus pais continua a subir na chuva, de Patricio Pron. In: **Tiranía e resistência**: literatura da ditadura na América Latina (1954-1990) / Maurício Silva, Márcia Moreira Pereira, Diana Navas (Organizadores). 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora Claec. 2021. p.77-88. Disponível em: <<https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/46>> Acesso em: 19 de março de 2025.

ORTIZ, R. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985, p.13-21.

_____. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985, p.36-44.

RODRIGUES, M. F. Conceição Evaristo: 'Carolina Maria de Jesus ainda tinha muito a dizer, e precisava dizer'. **Terra**, 2021. Acesso em: 09 de Maio de 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/conceicao-evaristo-carolina-maria-de-jesus-ainda-tinha-muito-a-dizer-e-precisava-dizer,506327a0f68ccf421cde5510e24067f3mzcbdztv.html?utm_source=clipboard>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

SALGUEIRO, M. A. A. Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, C. L.; ROSA, I. (org.). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.96-113.

SANTOS, Fernanda Nunes dos. **A Representação da Infância em Ponciá Vicêncio**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em português)-Universidade Federal da Paraíba; Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2018.

SANTOS, Jefferson Rodrigues dos; FRASÃO, Anderson de Souza. As travessias de Ponciá Vicêncio. In: GOMES, Carlos Magno et al. (org). **Imaginários literários e culturais**. Aracaju: Criação, 2016.

SCHWARCZ, L. K. M. **Questão racial e etnicidade**. In: História da vida privada IV. MICELI, Sérgio (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.267-325.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SENNA, H. Entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, vol. 25, nº 1, p. 45-53, 2012.

SEYFERTH, Giralda. **As Ciências Sociais no Brasil e a Questão Racial**. In:Cataveiro e Liberdade. Jaime da Silva, Patrícia Birman e Regina Wanderley (org.) Rio de Janeiro: UERJ, 1989. p.11-31.

_____. **Pensamento social no Brasil: notas de aula**. BAHIA, J.; MENASCHE, R.; ZANINI, M. C. C. (org.). Porto Alegre: Letra e vida, 2015.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marques. PONCIÁ VICÊNCIO: Rastros de memória e ficção. **Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**. São Luís, n. 2, jul/dez, 2018. p.55-70.

SILVA, Denise Almeida. Espaço, memória e agência em Ponciá Vicêncio. **Antares**, vol.3, nº6, jul./dez. 2011, p.171- 164.

SILVA, M. M.; VILELA, J. C. Poesia, Resistência e Esperança em Conceição Evaristo. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 3, p.119-133, 2020.

SILVA, Rosana de Medeiros. **Meu barro é de Lagoinha: trajetórias de vida e experiências cotidianas de mulheres quilombolas**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) –Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Sumé, 2018.

_____. **O feminismo negro em HQ-Cara Preta : estratégia didática para a Sociologia no ensino médio**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia em Rede Nacional) – PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SILVA, Tânia Maria Gomes da; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. Exclusão e violência social na perspectiva da escritora Carolina Maria de Jesus: mulher negra, favelada e mãe solteira. **Revista CESUMAR**. jul./dez. 2018, v. 23, n. 2, p.309-326.

SILVA, Terlúcia Maria da . **Violência contra as mulheres e Interfaces com o racismo: O desafio da articulação de gênero e raça**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas)- Universidade Federal da Paraíba; Centro De Ciências Jurídicas, 2013.

SILVA, Vanessa Maria Poteriko da. **A Trajetória na Construção da Identidade da Personagem narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**. Dissertação (mestrado em letras). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. São Paulo: Parábola, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita em si**. Porto Alegre: Letrônica, v.3, n.1, julho 2010. p.247-257. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/7066/5732>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

TONDO, M. C. **A violência contra as personagens femininas nos contos de olhos d'Água da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, J. P. Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In WERNECK, Jurema Pinto (org.): **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: CRIOLA, 2009.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. "Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e54025, 2019.

WOODWARD, K. Identidade e diferença uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.